

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Fernando Gil Coutinho de Andrade

Polissemia e produtividade nas construções lexicais:
um estudo do prefixo *re-* no português contemporâneo

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Letras do Departamento de Letras da
PUC-Rio.

Profa. Dra. Margarida Maria de Paula Basilio

Rio de Janeiro
Agosto de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Fernando Gil Coutinho de Andrade

**POLISSEMIA E PRODUTIVIDADE NAS CONSTRUÇÕES
LEXICAIS: UM ESTUDO DO PREFIXO RE- NO PORTUGUÊS
CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Margarida Maria de Paula Basilio

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Helena Franco Martins

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Departamento de Letras Vernáculas – UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Fernando Gil Coutinho de Andrade

Graduou-se em Letras, no curso de Português/ Inglês, em 1993, pela Faculdade de Letras da UFRJ.

Ficha Catalográfica

Andrade, Fernando Gil Coutinho de

Polissemia e produtividade nas construções lexicais : um estudo do prefixo **re-** no português contemporâneo / Fernando Gil Coutinho de Andrade ; orientadora: Margarida Maria de Paula Basilio. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Letras, 2006.

83 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.

Inclui referências bibliográficas.

1. Letras – Teses. 2. Morfologia. 3. Léxico. 4. Formação de palavras. 5. Prefixação. 6. Polissemia. 7. Produtividade. I. Basilio, Margarida Maria de Paula. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Margarida Basilio, pelo profissionalismo, pelo estímulo e pelo carinho com que me apoiou nesses dois anos de pesquisa.

Agradeço ao Marcelo pelo companheirismo constante e pelo apoio intelectual.

Resumo

Andrade, Fernando Gil Coutinho; Basilio, Margarida Maria de Paula (Orientadora). **Polissemia e produtividade nas construções lexicais: um estudo do prefixo *re-* no português contemporâneo.** Rio de Janeiro, 2006. 83p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho investiga os valores do prefixo *re-* enquanto elemento morfológico utilizado na formação de verbos no Português do Brasil e focaliza a questão da produtividade lexical em sua relação com o aspecto polissêmico e/ou multifuncional dos processos de formação de palavras. De início, analisam-se diferentes abordagens da formação de palavras por prefixação na descrição do português e revisam-se os preceitos da gramática tradicional, a perspectiva estruturalista e a abordagem gerativista em relação ao fenômeno. Em seguida, são apresentadas e analisadas diferentes proposições descritivas sobre o prefixo *re-* na língua portuguesa. Discute-se a seguir a complexa noção de produtividade na Teoria Lexical e introduz-se a questão da polissemia nas construções lexicais e sua relevância na determinação da produtividade de processos específicos de formação de palavras. A partir das questões teóricas levantadas, procede-se à análise da relação produtividade/polissemia no processo de adição do prefixo *re-* para a formação de verbos no português. Os resultados da análise, baseada num *corpus* de língua escrita jornalística contemporânea e num *corpus*, de tamanho equivalente, de língua falada culta (dados do Projeto NURC), evidenciam o caráter polissêmico do prefixo *re-* no português contemporâneo e revelam a precariedade de abordagens correntes que privilegiam a noção de repetição como único aporte semântico produtivo do prefixo *re-* na formação de verbos. A investigação revela ainda que é possível prever pela semântica do verbo o(s) significado(s) de uma eventual formação com o prefixo *re-*, configurando-se, portanto, a delimitação de um conjunto de construções lexicais possíveis na língua, juntamente com seus significados, o que indica que a multiplicidade de sentidos de *re-* não é aleatória, antes constitui um fenômeno derivado de conjunções de significados que levam a uma direção funcional na formação de palavras por prefixação.

Palavras-chave:

**Morfologia – léxico - formação de palavras – prefixação – polissemia-
produtividade.**

Abstract

Andrade, Fernando Gil Coutinho; Basilio, Margarida Maria de Paula (Advisor). **Polysemy and productivity in word formation: a study of the prefix *re-* in contemporary Portuguese.** Rio de Janeiro, 2006. 83p. MSc. Dissertation – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work investigates the meanings of the prefix *re-* as a morphological element used in verb formation in Brazilian Portuguese. It concentrates on the question of lexical productivity and its relation to the polysemic and/ or multifunctional aspect of word formation. Initially, we analyse several approaches to word formation by prefixation in Portuguese, examining the precepts of traditional grammar, the point of view of the structuralists and the generative view on the phenomenon. Then we present and discuss different descriptive proposals for the prefix *re-* in Portuguese. Next, we discuss the complex notion of productivity in lexical theory and introduce the question of polysemy in lexical constructions and its relevance in determining specific processes in word formation. Having in mind the theoretical issues brought into our previous discussion, we then analyse the relation between productivity and polysemy in the Word Formation Rule of *re-* addition in Portuguese verb formation. The analysis is based on corpora consisting both of contemporary written newspaper language and of standard spoken language (NURC data) of about the same length. Our results reveal the polysemic nature of the prefix *re-* in contemporary Portuguese and point to the precariousness of current descriptions which focus on the notion of repetition as being the sole productive semantic contribution of the prefix *re-* in verb formation. Furthermore, the research shows that it is possible to predict the meaning(s) of a *re-* + V formation on the basis of the semantic properties of the basic verb. This strongly supports the hypothesis that the multiplicity of meanings of the prefix *re-* does not constitute a case of random or incidental polysemy, but rather accounts for a phenomenon generated by a convergence of meanings which leads towards a functional direction in word formation by prefixation.

Keywords:

Morphology; lexicon; word formation; prefixation; polysemy; productivity.

Sumário

1	Introdução	8
1.1	Objetivo geral e específico	8
1.2	Pressupostos teóricos e metodologia	9
1.3	Organização do trabalho	10
2	A formação de palavras por prefixação: as diversas abordagens e a descrição do português	11
2.1	A tradição gramatical	11
2.2	A análise estruturalista	13
2.3	A abordagem gerativa	14
2.4	Outros autores contemporâneos	17
2.5	Análises do prefixo <i>re-</i>	18
3	Polissemia e produtividade nas construções lexicais	25
3.1	A questão da polissemia	25
3.2	Polissemia e homonímia em construções lexicais	34
3.3	A noção de polissemia sistemática	36
3.4	A complexa noção de produtividade	37
3.5	Polissemia sistemática e produtividade	40
4	A polissemia de <i>re-</i> no português contemporâneo	42
4.1	Acepção 1	48
4.2	Acepção 2	51
4.3	Acepção 3	54
4.4	Acepção 4	57
4.5	Acepção 5	58
4.6	Acepção 6	59
4.7	Conclusão	60
5	Considerações finais	61
6	Referências bibliográficas	64
7	Apêndices A e B	68

1 Introdução

1.1 Objetivo geral e específico

Esta dissertação tem o objetivo geral de investigar a questão da produtividade a partir de uma perspectiva semântica, relacionada ao aspecto polissêmico e/ou multifuncional dos processos de formação de palavras. O objetivo específico, no entanto, será analisar a produtividade do prefixo *re-* enquanto elemento morfológico formador de verbos a partir de verbos, levando em conta seu caráter polissêmico.

Constatamos em abordagens tradicionais o reconhecimento de várias acepções do prefixo *re-*, sem, contudo, encontrarmos uma delimitação precisa entre o seu valor como elemento morfológico e o valor assumido numa formação específica, dado o significado do verbo base (como no exemplo *ressaudar*); ou entre as várias possibilidades de interpretação dos significados básicos a partir de combinações específicas; ou entre a conveniência ou não de se considerar separadamente certos significados. Isso decorre, em parte, da abordagem das gramáticas normativas, que focalizam fundamentalmente o léxico externo, isto é, o que se entende como o conjunto de palavras de uma língua. Nas abordagens gerativas, que focalizam o léxico interno, ou seja, o léxico como conhecimento das propriedades das unidades lexicais possíveis numa língua e têm a preocupação de determinar a produtividade do prefixo, encontramos uma propensão teórica à homonímia e à redução de diferentes acepções a um significado de caráter mais abstrato, além da ênfase no aspecto categorial em detrimento do aspecto semântico.

Nosso objetivo no presente estudo é investigar até onde se pode prever a(s) interpretação(ões) de uma forma nova prefixada com *re-*; se a utilização produtiva do prefixo apresenta uma predominância de interpretação-alvo; e se a(s) interpretação(ões) depende(m) do significado do verbo básico, configurando uma situação de polissemia sistemática.

1.2 Pressupostos teóricos e metodologia

Tendo como base os pressupostos de Basilio (1980, 1987, 1993, 2004), analisamos um *corpus* de língua escrita e de língua oral, a fim de coletar um número razoável de palavras em que o prefixo *re-* apresentasse ocorrência transparente, tanto morfológica quanto semanticamente, de modo que pudéssemos observar seus diferentes significados e suas condições de produção. Mais especificamente, orientamo-nos neste estudo de acordo com as seguintes hipóteses:

1) O léxico corresponde a um conjunto de formas simbólicas, como palavras, expressões, entre outros, e um conjunto de padrões de expansão;

2) Processos de formação de palavras apresentam funções específicas. Processos de formação por prefixação têm o objetivo de formar uma nova palavra pela alteração semântica sistemática da base a que se aplica;

3) Embora processos de prefixação apresentem função semântica para a formação de palavras, a noção específica a ser combinada com uma base não é necessariamente única; isto é, prefixos podem ser polissêmicos, ou, alternativamente, processos de prefixação podem ser semanticamente multifuncionais;

4) A produtividade de um processo pode ser constatada em novas formações cujo significado se relaciona sistematicamente ao significado da forma base e à(s) função(ões) semântica(s) do processo de formação;

5) Diferentes funções semânticas de um processo podem ter diferentes condições de produção.

A partir dessas hipóteses, procedemos à análise do *corpus* com o objetivo de investigar as várias acepções do prefixo *re-* em situações de uso. Para a investigação de formações na língua escrita, nosso *corpus* se constitui de duas fontes jornalísticas, a saber, o jornal carioca *O Globo* e o diário paulistano *Folha de S. Paulo*. A parte do *corpus* referente à língua falada, de tamanho equivalente ao da parte escrita, provém dos dados do projeto NURC do Rio de Janeiro e de São Paulo utilizados no Projeto Gramática do Português Falado. O *corpus* utilizado contém, adicionalmente, uma parte dicionarística, a saber, a versão eletrônica do dicionário *Houaiss*

A pesquisa foi realizada em um período de um ano e meio. Foram coletadas nos jornais cerca de 200 frases e analisados todos os verbetes do dicionário eletrônico, bem como listadas as ocorrências de formações com *re-* nas transcrições de entrevistas, elocuções formais e diálogos entre dois informantes do material do NURC relevantes para a pesquisa

1.3 Organização do trabalho

O estudo aqui apresentado se desenvolve do seguinte modo. Após o presente capítulo introdutório, no capítulo 2 procedemos à análise das diversas abordagens em torno da formação de palavras por prefixação na descrição do português, revisando os preceitos da gramática tradicional, a perspectiva estruturalista, assim como a abordagem gerativista, focando, por fim, as análises do prefixo *re-*.

No capítulo 3, abordamos o fenômeno polissêmico e a noção de produtividade nas construções lexicais. Discutimos ainda o antagonismo polissemia/ homonímia, introduzimos o conceito de polissemia sistemática, bem como destacamos a relação entre produtividade e polissemia.

No capítulo 4, apresentamos uma proposta de análise dos valores semânticos do prefixo *re-* em seis grupos de acepção, elaborados a partir do *corpus* investigado, tendo em vista a análise da relação entre produtividade e polissemia.

Nas considerações finais procuramos responder às questões levantadas em nossos objetivos gerais e específicos.

2

A formação de palavras por prefixação: as diversas abordagens e a descrição do português

Este capítulo apresenta uma revisão do tratamento de prefixos na tradição gramatical da Língua Portuguesa no Brasil. De início abordaremos autores consagrados de gramáticas normativas, como Said Ali, Cunha & Cintra, Bechara e Rocha Lima; em seguida, analisaremos a descrição estruturalista de Mattoso Câmara Jr. e Monteiro; passamos à perspectiva gerativista de Basilio, Cavalcanti e Rocha; e finalizamos com as abordagens de Sandmann e Duarte.

2.1

A tradição gramatical

As gramáticas tradicionais incluem a prefixação, assim como a sufixação, no processo de derivação lexical. Na formação de uma palavra por derivação, acrescentam-se afixos, denominados morfemas derivacionais, a um radical, acarretando uma modificação em seu sentido original ou sua categorial gramatical (Cunha & Cintra, 1985:79). Os afixos que se agregam ao início do radical são denominados prefixos e aqueles que se posicionam no final de um radical constituem sufixos. Tanto os prefixos, quanto os sufixos são considerados elementos presos que necessitam de um radical como base para formar novas palavras. A questão em torno da maior ou menor dependência desses elementos formativos, entretanto, suscita reticências em Said Ali, Cunha & Cintra e Bechara e os leva a apontar a existência de formas livres que atuam como prefixos, como, por exemplo, *contra-*, *entre-* e *sobre-*. Como veremos mais adiante, é por causa dessa noção que teóricos estruturalistas não concordam em considerar a prefixação como derivação.

Said Ali (1967) segue a tradição de lingüistas como Meyer-Lübke e classifica a prefixação como processo derivacional. Dessa maneira, contrapõe-se à visão segundo a qual prefixos como *des-*, *in-* e *re-* foram, na diacronia da língua, formas empregadas isoladamente como preposições ou advérbios, as quais, portanto, deveriam ser consideradas elementos livres. Essa afirmação implica

analisar a prefixação como uma modalidade de composição. Said Ali descarta essa interpretação, argumentando que nada se comprovou sobre a existência de formas atualmente tratadas como prefixos como elementos independentes em línguas indo-européias. Acrescenta ainda que a lingüística diacrônica já concluiu que alguns sufixos, por sua vez, provêm de palavras livres, de modo que o raciocínio acima levaria à extinção da derivação e à conseqüente hegemonia do processo de composição. O autor concorda, no entanto, que não se encontra bem demarcada a fronteira entre prefixação e composição (Said Ali, p.229).

Cunha & Cintra (1985) concordam com Said Ali ao afirmarem que os prefixos são mais independentes que os sufixos, uma vez que se originam freqüentemente de advérbios ou preposições que são ou foram formas livres na língua. Assim como Said Ali, preferem considerar a prefixação um tipo de derivação. Para os gramáticos, a partir da prefixação são formadas palavras que conservam uma relação de sentido com o radical original (Cunha & Cintra, p.84). Na mesma trilha desses autores, Bechara (1999) chama atenção para uma característica dos prefixos em oposição aos sufixos, considerando que aqueles possuem maior força semântica, enquanto estes funcionam como marcadores de classes gramaticais, assumindo um valor morfológico.

Rocha Lima contribui para a investigação da derivação prefixal, observando que nem sempre é possível prever o sentido de uma formação por prefixação, embora os prefixos apresentem um significado definido.

Constatamos nos autores estudados um tratamento homogêneo da prefixação. Após abordarem o tema definindo o fenômeno e o inserindo no processo de derivação, os gramáticos elencam os prefixos portugueses em uma lista dividida entre elementos de origem latina e grega. Ao lado de cada prefixo constam seu(s) significado(s), seguido(s) de exemplos de formações na língua. Nota-se que, junto à forma canônica do prefixo, encontram-se, via de regra, seus alomorfes, acompanhados ou não de regras de uso (cf. Said Ali, p.249). Como é característico do caráter normativo das gramáticas tradicionais, temos no capítulo sobre formação de palavras por derivação a preocupação precípua dos autores de apenas listar e classificar elementos a fim de se oferecer um inventário exaustivo desses elementos, com seus valores e empregos. Não encontramos considerações mais detalhadas sobre aspectos semânticos ou sobre a questão da produtividade, com exceção de Said Ali,

que lança luz sobre essas questões desenvolvidas posteriormente sobretudo pelos gerativistas.

2.2

A análise estruturalista

Os teóricos do estruturalismo que se ocuparam dos prefixos em português assumem uma posição diferente da tradição gramatical, no que se refere à classificação da prefixação na estruturação da palavra.

Para Câmara Jr., o prefixo, “afixo que vem na parte inicial do vocábulo”, é a variante presa de formas dependentes como as preposições com “traços próprios, de natureza morfológica e semântica” (1971:51). Diferentemente dos sufixos, os quais estabelecem mudança categorial do radical ao qual se ligam, os prefixos têm como função atribuir à palavra à qual se adjungem uma nova significação, introduzindo uma idéia subsidiária. Sendo, dessa maneira, semanticamente mais independente, o prefixo pode aparecer como forma livre, caso dos elementos *sobre-*, *contra-* e *entre-*, em *sobreviver*, *contradizer* e *entressafra*, constituindo palavras da língua. Partindo dessa constatação, a prefixação deve pertencer, segundo o lingüista, ao âmbito da composição vocabular.

Mesmo reconhecendo que prefixos como *des-* e *re-* não são utilizados como preposições e que outros, como *in-/ en-*, *super-/ sobre-*, são alomorfes de preposições, Câmara Jr. considera a prefixação “o genuíno mecanismo da composição em português, abrangendo a criação de nomes e de verbos” (1985, p.214).

Monteiro (1986) entende a prefixação, a princípio, como uma modalidade de derivação. No entanto, divide os elementos formadores da prefixação em dois grupos distintos. No primeiro se encontram os constituintes que mantêm uma forma livre, como preposições nocionais ou advérbios do tipo *menos-* e *sobre-*, nas formações *menosprezar* e *sobrevoar*. Nesse caso, temos exemplos resultantes do processo de composição – duas formas livres que se unem para formar uma terceira palavra, ou seja, *menos* e *sobre* seriam raízes tanto quanto *prezar* e *voar*. Ao segundo grupo pertencem formas que “já não são advérbios nem preposições” e são utilizadas apenas no processo de derivação. Aos integrantes desse grupo Monteiro dá o nome de prefixos. Verdadeiros prefixos vigentes no

estágio atual da língua portuguesa constituem, segundo o autor, elementos como *a-*, *des-*, *dis-*, *em-*, *re-* entre outros poucos. Caberia para a análise de Monteiro o comentário de Said Ali referido acima, segundo o qual não se pode comprovar que *re-* ou *des-* em algum momento da diacronia tenham funcionado como preposição ou advérbio, além do fato de que alguns sufixos, como por exemplo *-mente*, têm sua origem em formas livres, como em *franca mente* – *francamente*, o que poderia implicar o desaparecimento completo do conceito de derivação.

2.3

A abordagem gerativa

A teoria gerativo-transformacional privilegia o aspecto criativo da língua e tem na sintaxe seu maior foco de interesse. Apenas após a publicação por Chomsky do ensaio “*Remarks on Nominalization*”, em 1970, e o surgimento da Hipótese Lexicalista, segundo a qual estruturas nominais seriam geradas por regras de base e a relação entre verbos e nominalizações aconteceria no próprio léxico, começaram a se desenvolver estudos em morfologia derivacional. As pesquisas realizadas levaram os linguistas a tratar de questões como a estrutura interna de palavras derivadas já disponíveis e a criação de novas palavras a fim de construir uma teoria do léxico. Por constituir um processo de formação com menor repercussão na mudança de classe de palavras e, conseqüentemente, menor impacto sintático, os estudos sobre prefixação não despertaram, via de regra, grande interesse entre os pesquisadores. A seguir, apresentaremos a análise de alguns autores que investigam o fenômeno no Português brasileiro.

Em estudo pioneiro sobre prefixos numa abordagem gerativa baseada no modelo proposto por Basilio em “*Aspects of the Structure of the Lexicon: Evidence from Portuguese*”, de 1977, Cavalcanti (1980) investiga as condições que possibilitam ao falante a análise da estrutura interna de formas derivadas por prefixação e o relacionamento entre elas, focando ainda a produtividade dos prefixos estudados. Para a pesquisadora, a prefixação constitui um processo de derivação no qual o elemento morfológico preso do prefixo se une a uma base lexical que ocorre livremente na língua, ou seja, um prefixo e uma palavra-base são elementos morfológicos independentes e isoláveis.

Em seu estudo sobre o atual estágio do Português falado no Brasil, Cavalcanti registra a não-identificação pelos falantes de alguns prefixos de origem latina arrolados nas gramáticas normativas, além da não-atribuição de valor semântico a certos prefixos, contrariando a tradição prescritiva, a qual costuma indicar o significado ao lado de cada formativo listado, como vimos anteriormente.

No que concerne à classificação das formações com prefixos, Basilio (1987) inclui a prefixação no processo de derivação, a qual se caracteriza pelo acréscimo de um afixo – prefixo ou sufixo - a uma base a fim de formar uma palavra nova . Trata-se de derivação, portanto, quando uma palavra apresenta uma base e um afixo. A derivação atende às necessidades de expressão de categorias nocionais, contendo caráter fixo e, frequentemente, teor mais geral e comum. Os afixos possuem em sua natureza funções sintático-semânticas previamente definidas as quais vão orientar os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação . Dessa maneira, palavras formadas por diferentes processos derivacionais têm seu uso e significado limitados, o equivalente a dizer que os produtos da derivação são, em menor ou maior escala, previsíveis. Noções expressas por afixos como a negação (prefixo *des-*) , a repetição (prefixo *re-*), o grau (sufixos *-ão*, *-inho*) e a designação de seres (sufixos *-ista*, *-eiro*) ou abstrações (sufixo *-ção*) têm caráter comum e bastante geral e é justamente ao grau de generalidade que podemos relacionar sua produtividade.

Referindo-se à competência do falante em produzir e interpretar formações lexicais na língua, Basílio (*op.cit.*, p. 50) equipara o afixo a um adjetivo quanto a sua essência, uma vez que “permite a expressão ilimitada de conceitos sem a exigência de uma sobrecarga da memória com rótulos particulares”. A autora enfatiza, dessa forma, a função semântica como característica primordial do prefixo e entende que “essa generalização sobre o papel dos prefixos nas estruturas lexicais não é uma peculiaridade do português. Ao contrário, é uma característica geral dos prefixos, nas mais variadas línguas, embora não absoluta” (Basilio 1993).

Rocha (1998) define o prefixo como elemento recorrente utilizado para formar uma nova palavra, que se posiciona à esquerda de uma base, não constituindo ele próprio uma base. O prefixo é, pois, uma forma presa e possui identidade fonológica, semântica e funcional. Para o autor, a controvérsia existente em torno de se considerar a prefixação

derivação ou composição não tem razão de ser. Se definirmos compostos como palavras formadas por pelo menos duas raízes, elementos como *sobre*, *com*, *entre* e *contra*, os quais são caracterizados pelo autor como formas dependentes, não constituem raízes, não sendo possível dizer que *sobreviver* é um termo composto, já que apresenta somente uma raiz.

Um segundo argumento apresentado por Rocha para sua posição é que, no exemplo (1) a seguir:

- (1) *Ela não pode conviver com o pai.*

os dicionários apresentam duas entradas diferentes para termos como *con-* e *com*. A primeira ocorrência é considerada forma presa e a segunda é vista como forma dependente, ambas apresentando funções distintas. Isso equivale dizer que se trata de formas de natureza diferente. Partindo dessa análise, Rocha contrapõe-se a Câmara Jr., mencionado anteriormente, para quem esses elementos têm vida própria e por esse motivo devemos tratar *conviver* como composição.

Basílio (1989) aborda a polêmica da classificação dos prefixos, colocando as seguintes questões: Seriam eles elementos separados ou variantes presas de preposições correspondentes? Ou seriam, ainda, elementos únicos? Formas livres ou dependentes? Basílio introduz aí a questão da homonímia e aborda o problema a partir de duas hipóteses. Se considerarmos prefixo e preposição como a mesma forma, teríamos as formas presas como derivação e os demais prefixos constituiriam composição. Considerando que prefixos e preposições são elementos distintos, como bem lembra Rocha (1998), o problema classificatório não mais existe. Prefixos constituem formas presas e devemos considerar a prefixação como processo de derivação.

No presente estudo, consideramos, como Basílio, o processo de prefixação uma forma de derivação, na qual encontramos a adição de um elemento morfológico prefixal a uma palavra-base. O produto desse processo de formação é uma palavra que apresenta o significado essencial da palavra-base enquanto alterado pelo aporte semântico do prefixo.

2.4

Outros autores contemporâneos

Além da contribuição dos teóricos da Gramática Tradicional, bem como dos pesquisadores estruturalistas e gerativistas na análise da prefixação no Português, há estudos mais recentes de autores brasileiros, os quais, embora não pertençam a uma corrente lingüística específica, tiveram, naturalmente, contato com as abordagens apresentadas anteriormente.

Sandmann (1989) define prefixos como morfemas derivacionais que não ocorrem livremente e são usados para formação em série. Quando, diferentemente, constata-se a concatenação de dois morfemas livres, trata-se de composto. À guisa de exemplo, o autor apresenta as formas *anti-semítico* para prefixação, onde *anti* não ocorre livremente e se presta para formações em série. Ao discorrer sobre a possibilidade de se agruparem os prefixos a partir de aspectos semânticos, Sandmann menciona o fato de muitos prefixos terem mais de um significado. Retornaremos a esse ponto mais adiante.

Em seu abrangente estudo sobre prefixos, Duarte (1998) faz uma diferença fundamental entre prefixo típico e outros elementos mórficos que se posicionam à esquerda de um radical. O prefixo típico não tem correspondência formal com outro item lexical, além de não constituir base de derivação, como *des-* e *re-*. Nesse sentido, o formativo *auto* constitui, portanto, base de derivação, gerando *autismo* e *autista*, não podendo ser considerado prefixo. A mobilidade distribucional também é considerada um critério pelo autor na sua definição de prefixo. Nas formações *filocomunista* e *cinéfilo*, por exemplo, o elemento *filo* pode aparecer tanto à esquerda, quanto à direita de uma base, o que, segundo o autor, não caracteriza um prefixo.

Duarte classifica como elementos de fronteira entre a composição e a derivação as formas que correspondem a itens lexicais, como *contra-* (*contra-atacar*), *não-* (*não-ocorrência*), *mal-* (*malformação*), assim como aquelas onde ocorre braquissmia, tais como *vice* (em lugar de *vice-presidente*); *ex* (em vez de *ex-marido*); *intra* (em *intra* e *interpartidário*), por exemplo.

2.5

Análises do prefixo *RE-*

Passamos à investigação de diferentes descrições do prefixo *re-* enquanto elemento morfológico formador de verbos a partir de verbos, procurando localizar e analisar considerações quanto ao(s) significado(s) que se lhe atribui(em). Inicialmente, apresentaremos a descrição encontrada em gramáticas tradicionais do Português brasileiro, com atenção especial à análise de Said Ali (1922); em seguida, apresentaremos a proposta de Sandmann (1989); analisaremos, por fim, como o prefixo é abordado dentro de uma perspectiva gerativista, utilizando como exemplos os estudos realizados por Cavalcanti (1980) e Oliveira (2004), bem como a descrição de Rocha (1998). Essa revisão nos revelará propostas de análise do prefixo *re-* que, apesar de não se deterem deliberadamente na questão central desta dissertação, levam em consideração alterações semânticas atribuídas às novas formações em função dos valores do prefixo.

Em gramáticas de tradição prescritiva encontramos arroladas algumas acepções para o prefixo *re-* ligado a bases verbais. Com a exceção de Said Ali em sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* de 1922, ao abordarem os afixos, os gramáticos normativos, via de regra, limitam-se a apresentar uma listagem na qual constam o elemento prefixal à esquerda e seu(s) significado(s) à direita. Essa forma inventarial de apresentação geralmente não oferece espaço para análises mais detalhadas de cada prefixo.

Cunha & Cintra (1985) consideram o prefixo *re-*, assim como *des-*, uma mera partícula que não existe de forma independente na língua, contrapondo-o a elementos que funcionam tanto como formas livres quanto presas, como por exemplo *contra-* em *contradizer*, fato que levaria alguns autores a considerar formações com tais termos como composicionais. Como vimos no capítulo anterior, Cunha & Cintra, cientes da polêmica em torno da questão *derivação x composição* no que concerne à formação de palavras por prefixação, optam em sua descrição por considerá-la como processo de derivação.

Mantendo a tradição das gramáticas normativas, Cunha & Cintra apresentam, primeiramente, um rol de prefixos latinos, acompanhado por uma segunda lista, a dos prefixos de origem grega. Ao lado de cada prefixo, consta(m) seu(s) sentido(s) e respectivos exemplos, apresentados fora de contexto. Ao analisarem o prefixo *re-*, fazem

referência a dois sentidos, quais sejam, *movimento para trás*, como no exemplo *refluir*, e *repetição*, como em *refazer*.

Bechara (1999) acrescenta aos dois sentidos registrados por Cunha & Cintra as noções de *reciprocidade* e a de *intensidade*. Como exemplo para o primeiro caso, o autor apresenta a formação *ressaudar* e para o segundo *rescaldar*. Bechara, assim como Cunha & Cintra, no entanto, não faz distinções nem delimita fronteiras entre as variações de sentido dos grupos estabelecidos. Não há referência, por exemplo, à diferença existente entre as noções de *movimento para trás* e *repetição*. Bechara segue a tradição normativa e se atém à descrição morfológica dos elementos formadores; acrescenta em sua análise, no entanto, a noção de que prefixos têm maior força significativa que sufixos.

Said Ali ocupa lugar especial entre os gramáticos brasileiros de linha tradicional. Tal fato se deve a uma descrição do Português que leva em consideração fenômenos morfológicos, não se limitando à análise estrutural das formações derivadas, nem à mera listagem dos elementos formativos. Em sua *Gramática Histórica*, publicada em 1922, o gramático já demonstra preocupação com temas pouco abordados por seus contemporâneos, como por exemplo a questão da produtividade, mesmo não utilizando explicitamente o termo, como vemos na seguinte análise do sufixo *-mento*:

Notável facilidade tinha o português antigo para crear substantivos abstratos terminados em *-mento*. A prodigalidade de seu emprego é, até, um dos traços característicos da linguagem escrita daquela época; mas quando começa a prevalecer o gosto quinhentista, desde logo se nota o desuso de muitos dos ditos vocábulos, dando-se preferência, sempre que possível, a palavras com outras terminações.

(*op. cit.*: 240)

A questão é abordada mais uma vez ao analisar o formativo *-aria*, fazendo o autor, agora, uso explícito do termo:

A produtividade do sufixo *-aria* manifesta-se sobretudo na formação de nomes que exprimem:

- a) ramos de negócio e indústria e lugares onde eles se acham estabelecidos: drogaria, luvaria, chapelaria (...)
- b) noção de coletividade: sacaria, pedraria, arcaria, fradaria (...)
- c) atos próprios de certos indivíduos, ou o resultado destes atos: patifaria, velhacaria, pirataria, sovinaria (...)

(*op. cit.*: 233)

Diferentemente dos gerativistas, Said Ali não encontra vários sufixos *-aria* nas formações apresentadas, cada um contendo um significado próprio, o que caracterizaria um caso clássico de homonímia. O gramático, ao arrolar os diferentes sentidos do sufixo *-aria*, trata-o, antes, como elemento formativo único e chama atenção para seu caráter polissêmico, como acontece com vários outros formativos.

Ao discorrer sobre o prefixo *re-*, Said Ali procede da mesma forma, considerando diferentes valores do formativo. O prefixo *re-*, segundo o autor, a bases verbais e *re-* é atribuído o valor de “*outra vez*”, “*de novo*”, como em *reassumir*, *reatar* e *recompor*. A formação parassintética *remoçar*, “*ficar outra vez moço*”, contém, no entanto, a idéia de *volta*, *com vigor novo*, *ao ponto inicial de ações que com o tempo se enfraqueceram*, *alteraram ou se desfizeram* (*op.cit.* p.251). Outro valor de *re-* está contido nas formações *refluir*, *reagir*, *repugnar* e *indica o contra-movimento acompanhado de esforço com o fim de paralisar ou inutilizar aquela energia*. Em *reprovar*, no entanto, a idéia que subsiste é a de contradição ou negação; já em formações como *recortar* e *retalhar* a noção dominante é a de repetição. O autor refere-se, finalmente, ao valor de reforço que o prefixo *re-* assume no Português europeu em derivações de base não-verbal, como em *rebem*, *recontente*, *resenhora*, *re-não*, construções inaceitáveis no Português brasileiro contemporâneo.

Em sua análise do elemento formativo *re-*, Said Ali, como apresentado acima, elenca seis acepções possíveis, quais sejam:

Sentido 1: valor adverbial de “*outra vez*”, “*de novo*”;

Sentido 2: volta ao ponto inicial de ações que se modificaram com o tempo;

Sentido 3: contra-movimento;

Sentido 4: idéia contraditória ou negativa;

Sentido 5: noção de ato repetido;

Sentido 6: valor reforçativo.

Observando-se apenas que no sentido 6 - reforço - as formações no Português brasileiro não possuem recorrentemente base verbal, podemos afirmar que a descrição de Said Ali tem sobre as apresentações gramaticais tradicionais a vantagem de abordar de maneira mais abrangente e elucidativa os diversos valores do prefixo *re-*. Além disso, o

gramático não pretende em momento algum considerar as seis diferentes acepções do formativo como vinculadas a seis formativos independentes ou interpretar o fenômeno como um caso de homonímia.

Nesse contexto, podemos afirmar que, ao registrar e comentar em sua *Gramática Histórica* sistematicamente a multiplicidade de significados dos elementos formativos, e, em particular, do prefixo *re-*, escopo desta pesquisa, Said Ali leva em consideração de forma natural o caráter polissêmico de tais elementos, sem necessitar tecer comentários sobre um eventual prejuízo à análise do fenômeno ou impropriedade científica no estudo da linguagem a partir dessa perspectiva.

Observamos que nas abordagens tradicionais se reconhecem algumas acepções do prefixo *re-*. No entanto, não notamos a preocupação com a questão da multiplicidade de sentidos do elemento morfológico. Isso decorre, em parte, da abordagem de cunho classificatório e prescritivo das gramáticas normativas cujo enfoque recai sobre o produto e não sobre o processo. Nesse contexto, o tratamento dado por Said Ali aos formativos em sua *Gramática Histórica* e, especialmente, ao prefixo *re-*, bem como o interesse que mostra pela questão da produtividade em morfologia podem ser considerados para a tradição lingüística de sua época visionários.

Trazendo a descrição lingüística para um período mais próximo dos nossos dias, passemos à interpretação de Sandmann (1989) do elemento formador em questão. Em sua investigação sobre novas formações no Português brasileiro a partir de prefixação com o elemento *re-*, o autor constata que o formativo significa, via de regra, “*de novo*”. Sandmann admite, entretanto, que há formações às quais pode-se acrescentar a idéia de “*outra maneira*”. O exemplo aludido é o substantivo deverbal *releitura*, cujo significado resulta, segundo Sandmann, da adição dos sentidos “*uma segunda leitura + nova maneira de ler, nova interpretação*”. A esse grupo de sentido, o autor acrescenta as seguintes produções, tanto verbais, quanto nominais a partir de verbos: *reagrupar, reaparelhar, rearrumação, redirecionar, redivisão, reinterpretar, reordenamento e reutilização*.

Sandmann registra além do sentido “*de outra maneira*”, o valor de *re-* como prefixo de intensidade, expressando “*intensidade + repetição de uma ação*” ou “*repetição continuada de uma ação*”, e dá como exemplo *repisar*, empregado figurativamente com o sentido de *repetir* no contexto *repisar um tema, um assunto*.

No arcabouço teórico do gerativismo, no qual se busca uma representação formal do sistema de regras sintáticas que corresponde à competência do falante, não há espaço para multiplicidade de sentidos nas descrições lingüísticas.

Em sua análise do prefixo *re-*, Rocha (1998) o inclui em uma lista junto a outros prefixos denominados ‘homófonos’ e os define como *aqueles que apresentam a mesma identidade fonológica, mas significações diferentes* (1998: 164). Rocha apresenta três diferentes homônimos para o prefixo *re-*, quais sejam:

re1- idéia de repetição: *reler, rever, reinventar, refazer, reabrir*

re2- idéia de movimento para trás: *regredir, recuar, recolher, regressar, retrain*

re3- sentido de movimento contrário: *reagir, revidar, retorquir, retrucar, rebater, repelir, rechaçar, rebelar*

resumindo, enfim, que *prefixos homófonos são itens lexicais distintos no português. Não se trata, portanto, de um mesmo prefixo com significados diferentes* (1998: 165).

Aronoff (1976: 48), ao tratar do sufixo inglês *-able* e seus diferentes valores em função da natureza verbal ou nominal da base à qual se prende, opta também pela homonímia, argumentando que “*essa consistente relação entre homofonia e ambigüidade só pode ser explicada pela hipótese de que estamos lidando com dois diferentes afixos, cada um com seu próprio sentido e com a sua própria base*”.

Em seu estudo, também de base gerativista, sobre a competência de falantes brasileiros no reconhecimento de diferentes acepções de prefixos de origem latina no português, Cavalcanti (1980: 61) aponta que o único sentido vivo recuperável do prefixo *re-* é o de repetição de uma ação verbal. Segundo a pesquisadora, que utilizou como metodologia de pesquisa testes de reconhecimento de prefixo e testes de verificação de produtividade, a intenção do falante ao adicionar o prefixo *re-* a um verbo é de retorno ao ponto inicial de uma determinada ação que se desgastou ou desapareceu com o tempo (op. cit: 39).

Em Oliveira (2004), a preocupação fundamental gira em torno da determinação categorial da base e do produto do prefixo. A pesquisadora aponta que o prefixo *re-* é bastante produtivo quando adicionado a verbos, não se combinando com nenhuma base

primitiva substantiva ou adjetiva, sendo, *portanto, um prefixo eminentemente verbal, isto é, seleciona rigidamente a categoria da base à qual se adjunge* (op.cit: 139).

Ao analisar as restrições semânticas impostas pelo prefixo *re-* na acepção de repetição à formação de uma nova palavra, Oliveira elenca quatro grupos de significado verbal aos quais o formativo não se une: **verbos estativos**, como por exemplo *conter, contrapor, desmerecer*; **verbos perfectivos télicos**, como *acabar, deitar, desfazer, desmaiar, falecer*; **verbos performativos**, como *jurar e prometer*; e **verbos atélicos**, como *comer, gritar, mastigar, nadar, olhar, sorrir, chover*; embora, naturalmente, a própria polissemia desses verbos possa nos causar surpresas.

A análise do prefixo *re-* feita por Oliveira se concentra na acepção de *repetição de ato X*. No que se refere ainda à semântica de *re-*, a autora considera difícil

estabelecer a relação que há entre afixos com identidade de forma, mas que levam a resultados que não permitem identificar uma certa unidade de significado, como, por exemplo, o prefixo *re-* em *reescrever* “tornar a escrever” e *ressentir* “sentir muito”.

(op.cit: 56)

Haveria, assim, em *reescrever* “tornar a escrever”, *ressentir* “sentir muito”, e *retrair* “puxar para trás” não um único prefixo com vários sentidos, mas vários prefixos que apresentam identidade fonológica, porém significações diferentes (op.cit: 58). Oliveira conclui sua análise afirmando existirem dois prefixos *re-* com identidade fonológica, mas significações diferentes, tratando-se, pois, de dois itens distintos, o que constitui mais um caso de homonímia.

Como demonstram as análises apresentadas acima, encontramos nas abordagens gerativistas uma propensão teórica à homonímia e à redução de diferentes acepções a um significado de caráter mais abstrato, além de uma ênfase maior no aspecto categorial, em detrimento do aspecto semântico. A tendência à interpretação homonímica na descrição dos processos de formação de palavras poderia se explicar pelo fato de sua atenção estar voltada para questões de mudança categorial em função de sua importância na descrição gramatical (Basilio 2005a).

A abordagem de Said Ali para a análise do prefixo *re-*, levando em consideração suas diferentes acepções, parece-nos, dentro do contexto das abordagens que analisamos, a que mais contribui para a proposta defendida nesta dissertação, na medida em que, além de

registrar o fenômeno da produtividade de afixos, já reconhece, embora dentro da perspectiva da Gramática Tradicional, as várias possibilidades de interpretação de formas construídas com o prefixo *re-*.

Nosso trabalho parte, no entanto, de uma abordagem parcialmente gerativista, na medida em que consideramos o léxico como o conhecimento lexical do falante, adotando em nossa análise da polissemia de prefixos, sobretudo, os pressupostos teóricos de Basilio (1987, 2004).

3

Polissemia e produtividade nas construções lexicais

3.1

A questão da polissemia

O fato de um signo poder designar uma coisa sem deixar de designar outra, o fato de que, por ser um signo *expressivo* da segunda tenha também de o ser para a primeira, é precisamente o que faz da linguagem um instrumento de conhecimento. Esta ‘tensão acumulada’ das palavras é a origem dessa predicação analógica, causa única do poder simbólico da linguagem.

W.M. Urban

O estudo do significado das palavras ganha sistematicidade com o surgimento da ciência da semântica, cujas bases foram lançadas no final do século XIX por Michel Bréal. Em um momento da história do pensamento lingüístico em que a grande maioria das investigações científicas giravam em torno da origem das palavras e das mudanças morfofonéticas pelas quais passaram em sua evolução, o significado dos termos constituía interesse secundário. Como aponta Bréal (1991:154), diferentemente das regras e leis que regem as mudanças na articulação e, conseqüentemente, na forma das palavras, não há como prever que variações de significado um termo lingüístico pode vir a sofrer com o passar do tempo. Segundo Bréal, as variações de sentido decorrem da influência que uma palavra exerce sobre a outra dentro da própria língua. Uma palavra vê seu significado restrito porque uma outra expande o seu significado, fenômeno para o qual não é possível desenvolverem-se leis que prescrevam tendências com o intuito de antecipar mudanças de significado.

A renovação e o enriquecimento do vocabulário de uma língua, como observa o autor, advêm freqüentemente da expansão do significado de uma palavra e não da aquisição de um novo termo, seja ele originário de uma língua estrangeira, da junção de duas palavras ou a partir da emersão súbita de um item lexical até então restrito a um meio desconhecido da sociedade. O surgimento de um novo significado para uma palavra não implica o desaparecimento do significado já existente, ambos convivem sem prejudicar a existência um do outro. Ao potencial que as palavras possuem de acumular vários significados, Bréal

dá o nome de polissemia. Em sua opinião, quanto mais avançada a cultura de uma nação, mais variado é o uso das palavras de sua língua. Os avanços científicos de uma civilização, seu enriquecimento, a diversificação dos ramos profissionais, bem como a crescente multiplicidade das relações interpessoais levam os indivíduos a analisar e categorizar as ações e as coisas partindo de uma mentalidade e visão de mundo próprias. Apesar de possuírem a mesma herança lingüística, membros de grupos sociais e profissionais diferentes atribuem nuances distintivas às palavras que as vão incorporando e adquirindo novos sentidos. A ciência, a arte e os ofícios ampliam o significado das palavras mais comuns, como, por exemplo, os vários sentidos do termo *operação* quando empregado por um cirurgião, um matemático e um bancário, inovando e criando terminologias e expressões.

Diferentemente de Aristóteles, para quem a polissemia é um defeito da linguagem por representar um obstáculo à comunicação e à clareza do pensamento, e de Leibnitz, que considera o caráter polissêmico do vocabulário geral uma limitação ao pensamento científico (Dubois 1973:471), para Bréal quanto maior a produção intelectual e artística de uma sociedade e quanto mais diversificada sua vida profissional, mais utilizadas serão as palavras e mais significados elas acumularão. O autor considera um erro atrelar a riqueza de uma língua ao número de palavras de seu vocabulário (Bréal 1991:157). Ao analisar a questão em torno da possível confusão causada pela multiplicidade de sentidos de um termo lingüístico, Bréal chama atenção para o fato de uma palavra não ocorrer isoladamente, mas aparecer dentro de um contexto o qual fornece informação suficiente para se entender o sentido em que o termo está sendo empregado. Um segundo aspecto decisivo a se levar em conta é o fato da linguagem ser o resultado de um trabalho em colaboração. O ouvinte, em se tratando de comunicação oral, tem um papel tão importante quanto o falante. Aquele atua ativamente, acompanhando o discurso e sendo capaz, em função do contexto, de sua memória e das circunstâncias de antecipar-se ao falante no ato.

Ao considerar o ouvinte como co-produtor do discurso, evitando, assim, mal-entendidos e possíveis turbulências na comunicação devido ao fenômeno polissêmico, Bréal se dissocia da visão representacionista da linguagem, segundo a qual há apenas um significado para cada palavra. Para John Locke (1632-1704) a palavra representa a marca sensível de uma idéia, a concretização de algo que é criado no entendimento de cada um e

que, quando articulada, funciona como instrumento de comunicação entre indivíduos. Diferentemente da perspectiva adotada por Bréal, entretanto, Locke crê que a comunicação entre as pessoas nem sempre acontece, o que leva à conclusão de que a linguagem humana constitui um sistema propenso a falhas. O autor entende que a criação do significado de uma palavra consiste em um ato voluntário de caráter particular e mental, praticado arbitrariamente por um indivíduo. O interlocutor-ouvinte, por sua vez, não sabe a que idéias se referem as palavras do falante e não pode ter certeza de que as idéias complexas que o falante lhe expõe correspondem a qualquer de suas idéias. Na visão de Locke, produzir palavras é, na melhor das hipóteses, uma maneira imperfeita de transmitir idéias para outras pessoas. As imperfeições da linguagem colocam em risco sua eficácia e a confiança que depositamos nela como o ‘grande condutor’. Para Bréal, a comunicação tem lugar justamente no momento da interação entre os participantes do discurso. Os interlocutores constroem o significado através tanto do seu conhecimento lingüístico e de mundo, quanto do contexto em que se encontram. Em uma abordagem não-objetivista, equivale isso a dizer que a linguagem não representa o mundo, mas antes a impressão que ele dá ao falante.

Além das inovações advindas da diversidade dos contextos sócio-culturais de uma civilização, Bréal traz à tona uma questão fundamental que contribui para o surgimento da polissemia. O falante tem necessidade de ilustrar e dar vida a seus pensamentos e idéias, geralmente lançando mão de metáforas para alcançar esse efeito. Enquanto a nomenclatura da aritmética não está sujeita a mudanças e interpretações motivadas pela emoção por se tratar de uma ciência racional, a linguagem prosaica procura persuadir, comover e agradar. Quando uma palavra conhecida é imbuída de uma nova acepção e quando a imagem resultante é plástica e impactante, ela tende a ser adotada e, de início empregada apenas figurativamente, pode torna-se a própria designação do objeto, da pessoa ou da ação. Como analisa o autor

Dessa forma os povos renovam seu vocabulário e, ao acharem que estão inovando, eles permanecem fiéis a uma única tendência: preferir o particular ao geral e a expressão colorida à monótona.

(*op. cit.* p.161)

Concordando com Bréal sobre o fato de a polissemia ser um fenômeno normal nas línguas naturais, Stephen Ullmann (1964) considera a multiplicidade de sentidos das formas

lexicais um traço fundamental da fala humana. O autor examina cinco fontes de origem do fenômeno, dentre as quais considera as mudanças de aplicação, a especialização num meio social e a linguagem figurada como as mais comuns, enquanto os casos de homônimos reinterpretados e da influência estrangeira seriam os menos frequentes na linguagem cotidiana.

As mudanças de aplicação de um termo lingüístico encontram sua motivação no fato de as palavras possuírem aspectos diferentes que se manifestam de acordo com o contexto no qual são empregadas. Segundo Ullmann, determinados aspectos podem ter uma vida curta, enquanto outros podem apresentar traços mais duradouros, os quais, à medida que vão se diferenciando, acabam por conferir à palavra sentidos diferentes. Via de regra, encontramos nos dicionários as várias acepções de um termo diferenciadas de forma sistemática. No entanto, aquilo que Ullmann chama de '*estágios das mudanças de aplicação*' fundem-se nos verbetes uns com os outros de modo que se tornam imperceptíveis.

Encontramos uma segunda fonte de geração de significados múltiplos na especialização de um termo num meio social. Como aponta Bréal, é comum que uma palavra seja empregada com um sentido específico por um determinado grupo social. O sentido especializado da unidade passa, então, a se diferenciar do seu significado geral na língua vulgar. Ullmann cita como exemplo o termo *ação* na linguagem da jurisprudência, onde ele é sempre interpretado como '*ação legal*'. Já para um soldado, a palavra *ação* é prontamente entendida como '*ação militar*'.

Na análise de Ullmann, a linguagem figurada constitui a terceira fonte profícua de polissemia nas línguas naturais. Um termo pode ser empregado com um ou mais sentidos figurados, mantendo, porém, uma estreita relação com seu significado original. Para que a nova acepção conviva com a já conhecida, é imprescindível não haver confusão entre ambas. O uso figurado, juntamente com a mudança de aplicação, contribuem para o surgimento de novos sentidos. Ullmann não explicita, porém, queais critérios devem ser usados para se distinguir entre mudança de aplicação e linguagem figurada. Como exemplo do primeiro caso, o autor apresenta a evolução semântica do adjetivo *handsome* em inglês (Rudskoger, 1952, *apud* Ullmann). As diferentes acepções surgiriam em função do tipo de substantivo ao qual o adjetivo está ligado, a saber, pessoas, objetos concretos, ações e fala,

conduta, além de tamanhos e quantidades. A acepção mantida atualmente é apenas a positiva, a qual se sobrepôs àquelas menos positivas ou neutras. Em relação ao sentido figurado dos termos lingüísticos, o autor limita-se a afirmar que tanto a transposição metafórica quanto a metonímica, a qual se baseia em outras relações entre dois termos, são essenciais para a atividade da língua.

Uma fonte de produção de polissemia lexical considerada mais rara pelo autor consiste na reinterpretação de homônimos. O falante comum desconhece a polissemia das palavras e por essa razão tende a tomar dois termos com som idêntico, cuja diferença de significado não é considerável, por um só termo com dois sentidos. Historicamente, trata-se, no entanto, de casos de homonímia já que os itens lexicais possuem origens distintas. Ullmann julga duvidoso esse tipo de motivação polissêmica pelo fato de os critérios de decisão se apoiarem em bases psicológicas que, segundo Bloomfield, não são “*sujeitas a uma medição precisa*”.

A influência de palavras estrangeiras, mesmo em escala relativamente menor, pode contribuir para o surgimento de polissemias. Quando uma língua serve de modelo para outra, os assim chamados empréstimos semânticos ocorrem mais frequentemente. Ullmann cita como exemplo a palavra *ministro*, ‘*funcionário do Gabinete*’, que no espanhol do estado americano do Colorado passou a designar adicionalmente o ‘*sacerdote protestante*’, sob a influência do termo inglês ‘*minister*’. Apesar de ser um fenômeno de certa forma comum, o autor não considera a influência estrangeira uma fonte representativa de polissemia na linguagem do dia-a-dia.

Ullmann vê na multiplicidade de significados dos itens lexicais um fator incalculável de economia e flexibilidade de que a língua dispõe e condição essencial de sua eficiência. Para o semanticista, o número de significados ligados a uma palavra importa menos que sua qualidade, uma vez que algumas das palavras mais comuns nas línguas naturais são justamente as mais polissêmicas. A influência do contexto seria a principal garantia para o seu funcionamento.

Concordando com Ullmann, Lyons (1981) considera inerente à essência das línguas naturais o fato dos significados lexicais se misturarem e expandirem indeterminavelmente. Aponta, porém, para a dificuldade do lexicógrafo de discernir o grau de relação entre significados, a fim de identificar casos de homonímia e polissemia. Para um lexicógrafo, se

os vários significados de um único lexema não se relacionam entre si, trata-se de homonímia e não de polissemia. O que interessa para Lyons, todavia, é a relação sincrônica entre os termos. Segundo o autor, a origem dos itens lexicais não é a questão mais importante a ser considerada para se distinguir casos de homonímia dos de polissemia, uma vez que o critério etimológico é irrelevante para a sincronia. Podemos retomar aqui a quarta fonte de origem da polissemia analisada por Ullmann: uma vez que o falante não possui a dimensão histórica necessária para estabelecer a distinção entre termos de origens diferentes e termos com a mesma raiz, tende-se a reinterpretar termos homônimos como polissêmicos.

Segundo Lyons, o fato de a questão girar em torno de um problema de gradação constitui a razão da dificuldade de se formular uma distinção coerente do nível de relação entre os significados. Diante desse impasse, alguns tratamentos modernos da semântica defenderam a postulação da homonímia em todas as situações, simplesmente desconsiderando-se a polissemia. Consciente da importância da polissemia nas línguas, mas raciocinando a partir de uma perspectiva gerativista, Lyons propõe que se deixem de lado os critérios semânticos ao se definir um lexema em nome de critérios sintáticos e morfológicos; o lingüista não esclarece, porém, de que forma um dicionário poderia dar conta dos significados das palavras sem explicitar seus componentes semânticos. Por outro lado, acrescenta que muitos não concordam com essa proposta e declara o problema enfrentado pelos lexicógrafos como insolúvel.

Admitindo a dificuldade de se lidar com a questão do grau de relação entre os significados dos termos lingüísticos sem, entretanto, descartá-la como insolúvel, Perini (2003) segue Bréal e alinha-se ao lado de Ullmann ao encarar a polissemia não como um defeito, mas antes como uma propriedade fundamental para o funcionamento eficiente das línguas. O falante, ao deparar-se com o novo, procura associá-lo a alguma categoria já disponível em sua memória. A possibilidade de um item lexical abarcar vários sentidos garante às línguas a flexibilidade de que necessitam para dar conta dos complexos aspectos da realidade. Na verdade, como lembra Perini, palavras não-polissêmicas são raras na linguagem geral. É na linguagem técnica das ciências que termos monossêmicos são mais comumente encontrados. Termos como *hidrogênio* foram cunhados artificialmente para designar conceitos específicos desenvolvidos pela ciência. Cabe notar, entretanto, que

mesmo no jargão científico um termo pode desenvolver diferentes acepções, dependendo da corrente teórica à qual os autores se afiliam, o que torna a proliferação da polissemia na linguagem técnica uma fonte de controvérsias entre teóricos. Câmara Jr. (1974) vai um pouco mais longe e afirma que todas as formas da língua apresentam polissemia. O lingüista distingue as palavras entre aquelas que têm significação gramatical ou interna, como preposições, conjunções e flexões, e aquelas com significação externa, que se concentra em semantemas das palavras e as caracteriza. Em ambos os grupos há multiplicidade de sentidos. Em função do traço polissêmico dos termos lingüísticos, a prática tradutória e a confecção de dicionários bilíngües apresentam-se para Câmara Jr. como atividades complicadas, cujo tratamento se torna ainda mais complexo, como acentua o autor, quando são considerados o potencial metafórico e metonímico de cada unidade.

Ao lidar com a questão das várias acepções das palavras, Dubois *et alii* (1973) estabelecem um sistema duplo de oposições. A primeira contrapõe *polissemia* a *monossemia* e a segunda distingue *palavra* e *termo*. *Palavra* refere-se a itens do vocabulário geral e *termo* se restringe ao vocabulário científico. Dessa forma, o vocabulário especializado constitui-se a partir de itens do vocabulário geral que passam a ser marcados, tornando-se termos monossêmicos. Em química, por exemplo, o termo *ferro* – representado pelo símbolo *Fe* – só possui um significado. Já no vocabulário geral, tanto no âmbito da lexicologia quanto no âmbito da retórica, a palavra *ferro* é polissêmica. Os autores fazem menção às posições antagônicas entre Leibnitz e Bréal em relação ao fenômeno da polissemia. Como mencionado acima, a visão de Leibnitz, que considera a multiplicidade de sentidos das palavras uma limitação ao pensamento científico, contrasta com a de Bréal que enfatiza a relação entre o desenvolvimento de uma cultura e o enriquecimento polissêmico das unidades lingüísticas.

Na segunda metade do século XX, a metáfora e a metonímia começam a ser rediscutidas por semanticistas que investigavam mecanismos de cognição seguindo a linha de pesquisa da incipiente Lingüística Cognitiva, o que ensejou novos trabalhos no campo da semântica. O estudo da polissemia ganha lugar de destaque com o desenvolvimento dos estudos cognitivistas a partir das investigações feitas por R.W. Langacker no final dos anos 70, bem como George Lakoff e Mark Johnson no início dos anos 80. Ao se debruçarem sobre questões em torno das estratégias de conceptualização utilizadas pelos falantes para

interpretar as expressões lingüísticas, os cognitivistas estão interessados nas motivações que guiam a formação do significado. A proposta de Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1987), para quem o estudo de metáforas oferece um caminho para se rastrear a construção do significado, apresenta-se como inovadora e, em um primeiro momento, antagônica à interpretação representacionista do significado defendida pela tradição aristotélica (Martins 1999), abrindo um caminho profícuo para o estudo do significado múltiplo das expressões lingüísticas. Analisando as metáforas encontradas em nossa linguagem cotidiana, Lakoff e Johnson (1980) procuram os princípios regulares que orientam nossa compreensão do não-literal. Os autores acreditam que existe uma motivação não explícita nas metáforas comuns do dia-a-dia que pode funcionar como fonte para a produção de polissemias e detectam mecanismos cognitivos básicos que engendram processos figurativos a fim de construir conceitos, denominados Modelos Cognitivos Idealizados.

Silva (2001) cita três razões para o interesse pela polissemia na Lingüística Cognitiva. A primeira seria a reação às estratégias de minimização da polissemia pelas teorias formalistas, referindo-se à denúncia da *falácia da regra/lista* feita por Langacker (1987). De acordo com Langacker, as teorias formalistas reduzem a importância da multiplicidade de sentidos através das seguintes estratégias: a *homonimista*, que converte a polissemia em homonímia; a *artefatualista*, que considera a diferenciação de sentidos um artefato do lingüista e converte a polissemia em vaguidade; e, finalmente, a *monossemista*, que nega o estatuto semântico tanto das diferenciações quanto das relações, convertendo mais uma vez a polissemia em vaguidade e considerando os usos contextuais predizíveis a partir da pragmática. Os gerativistas e outros formalistas resolvem o problema da descrição e da representação mental dos usos de um item escolhendo entre regras de derivação ou listas de entradas independentes, optando pela homonímia, e eliminando, através das regras de redundância, o armazenamento mental de entradas independentes relacionadas. A fim de desenvolver um modelo descritivo econômico e científico, os formalistas buscam definições genéricas e abstratas para os itens lexicais como premissa do desenvolvimento cognitivo dos falantes. A segunda motivação para o estudo da polissemia encontra-se, segundo Silva, na orientação cognitivista para a observação do uso real das expressões lingüísticas. O autor opõe o modelo de Langacker (1988) baseado no uso ao abandono do conceito de *performance* por Chomsky e de *parole* por Saussure. O terceiro ponto que

justifica o enfoque na polissemia pela Linguística Cognitiva está relacionado ao interesse pelo fenômeno da prototipicidade, a qual tem como efeito justamente a multiplicidade de significados das palavras.

Ao investigar os vários sentidos de *deixar* em português, Silva (*apud op.cit.*) apresenta um bom exemplo de como a eficiência orientada para a produção do falante motiva a prototipização e a polissemização e dá conta do máximo de informação com o mínimo esforço. O falante é capaz tanto de adaptar uma categoria a novas circunstâncias e experiências, atribuindo flexibilidade ao sistema cognitivo, quanto, amparado pela estabilidade estrutural do sistema, interpretar novos fatos do conhecimento já existente a partir do centro prototípico da categoria. Silva frisa a natureza enciclopédica do significado que se fundamenta em diversos campos da experiência humana conceptualizados como diferentes domínios semânticos.

Basílio (2005) analisa a polissemia sistemática em construções lexicais com a intenção de tratar do fenômeno no que diz respeito ao potencial de padronização e previsibilidade. A autora define o termo polissemia sistemática como a multiplicidade de interpretações possíveis de caráter pré-determinado numa forma lingüística e a considera uma estratégia valiosa para a utilização de uma determinada construção no exercício de várias funções interligadas. Uma vez que a polissemia sistemática resulta de um sistema eficiente que coloca à disposição o mesmo elemento morfológico para várias nomeações, as interpretações possíveis encontram-se nas estruturas lingüísticas, independentemente do contexto, embora a concretização de uma interpretação dentre outras dependa do contexto.

Os recentes trabalhos que abordam o fenômeno polissêmico de uma perspectiva mais ampla mostram que os significados não são objetos mentais organizados na gramática de um *mentals* como quer Pinker (1994), entre outros autores, mas processos ou atos subjetivamente construídos para fazerem sentido em universos do discurso partilhados de forma intersubjetiva (Silva 2001). O falante, acionando sua experiência de mundo e seu conhecimento enciclopédico, tem condições de discernir os significados da multiplicidade de sentidos dos termos lingüísticos nos diferentes contextos em que são empregados. Partindo do princípio segundo o qual “*a linguagem não porta o sentido, apenas o guia*” (Lakoff e Johnson 1980), podemos afirmar que a polissemia não afeta a palavra individualmente. O contexto em que é utilizado determinado termo convoca esquemas

imagéticos que possibilitam a projeção de uma experiência para outra. É possível, assim, entender algo em termos de projeção de um fenômeno sistemático em um contexto específico.

3.2

Polissemia e homonímia em construções lexicais

A questão em torno da distinção entre polissemia e homonímia pertence tradicionalmente à esfera dos estudos lexicais. A tendência de teorias lingüísticas de inclinação literalista em tratar casos de polissemia como homonímia é um exemplo da busca de soluções objetivas que procuram afastar fenômenos como vagueza, indeterminação de sentido e o potencial figurativo da linguagem do caminho do lingüista sincrônico.

Conforme nos mostra Saeed (2003), os lexicógrafos em geral partem de critérios referentes à relação entre as palavras, entendidas como unidades globais (Basilio 2005b), a fim de identificar casos de polissemia. Para tal, deve se levar em conta a intuição do falante, da mesma forma que desempenham papel importante informações históricas sobre a evolução do item lexical a ser tratado.

No entanto, diferentes falantes podem ter diferentes intuições sobre os possíveis significados de um termo polissêmico; além disso, uma referência etimológica corre o risco de não ser comprovadamente conhecida. Um semanticista sincrônico de tradição literalista sugeriria a um lexicógrafo hesitante que criasse tantas entradas em seu dicionário quanto valores possuísse um determinado item lexical. Prática semelhante àquela adotada por morfólogos quando lidam com a dicotomia polissemia/ homonímia em construções lexicais.

A tendência homonímica nas descrições de processos de formação de palavras ganhou predominância nos estudos morfológicos a partir do momento em que começaram a se desenvolver as pesquisas gerativistas do léxico. A preocupação com o léxico interno do falante e a ênfase na categorização dos itens lexicais levaram a uma abordagem explicitamente homonímica (Basilio 2005b). No estudo de formativos no português contemporâneo, encontramos frequentemente autores que optam pela homonímia, como,

por exemplo, Rocha (1998) o qual chama a atenção do leitor para o tema ao tratar de prefixos, observando que “*prefixos homófonos são itens lexicais distintos no português. Não se trata, portanto, de um mesmo prefixo com significados diferentes*”. Rocha segue a tradição gerativista e não cogita a possibilidade de interpretação polissêmica dos formativos, dando primazia à homonímia. Dentro da Teoria Gerativa, outra forma de análise torna-se problemática.

Em estudos recentes sobre construção lexical, também notamos uma preferência pela homonímia em detrimento da multiplicidade de significados. Ao analisar formações com o prefixo *re-*, Oliveira (2004) conclui, de forma análoga a Rocha, que

Em *recontar* e *retirar*, portanto, não há um único prefixo com dois sentidos, mas dois prefixos que apresentam identidade fonológica, porém significações tão diferentes que se justifica pensar que de fato estamos frente a dois itens distintos.

(*op.cit.*)

Paralelamente à interpretação homonímica dos formativos adotada por estudiosos contemporâneos, acompanhamos o desenvolvimento de pesquisas que trazem o fenômeno polissêmico para o centro das análises. Como vimos anteriormente, o interesse pelo estudo da polissemia começou a aumentar a partir da publicação dos trabalhos de linguistas cognitivistas nos anos 80. As pesquisas dos cognitivistas, entretanto, abordam a polissemia preferencialmente da perspectiva histórico-etimológica e se concentram em questões relacionadas à pragmática

Segundo Basilio (2005a), a polissemia contribui para a constituição e expansão do léxico na medida em que se utilizam padrões que atribuem novas funções a elementos previamente existentes, evitando dessa forma sobrecarregar a memória do falante e garantindo a comunicação automática. Basilio analisa a polissemia na formação de nomes de agente e de instrumento com o sufixo *-dor* em formações de nomes profissionais (*administrador*, *cobrador*) e aparelhos (*refrigerador*, *exaustor*), em que se caracteriza o agente ou o instrumento pela função representada na base verbal. Em sua análise, a pesquisadora levanta a questão da interface entre significado lingüístico e significado enciclopédico nas construções lexicais. No caso de *refrigerador*, trata-se de um aparelho elétrico, e não de outra natureza, utilizado para resfriar bebidas e alimentos, e não

ambientes. Segundo Basilio, o ato da nomeação do instrumento “estabelece um significado específico que convive obrigatoriamente com o significado genérico trazido pela função semântica do processo morfológico”.

Para Lehrer (2003), assim como foram identificados casos de polissemia em estudos tradicionais sobre mudança de significado, bem como em trabalhos feitos mais recentemente pelos lingüistas cognitivistas, espera-se encontrar o mesmo fenômeno de expansão e variação semântica em morfemas derivacionais. Lehrer se refere ao conceito bloomfieldiano de ‘*sentido central*’, do qual se origina uma variedade de sentidos derivados, sem que eles estejam necessariamente relacionados entre si, e ao termo ‘*estrutura radial*’ adotado pela Lingüística Cognitiva, a fim de apoiar sua investigação sobre a multiplicidade de sentidos de formativos em estudos feitos com itens lexicais complexos. A partir dessas premissas, Lehrer analisa a polissemia de prefixos, diminutivos, sufixos agentivos e neologismos formados pelo prefixo *meta-* e pelos sufixos *-dom*, *-hood* e *-ship* em inglês, como exemplos da alta produtividade do fenômeno nas construções lexicais.

Consideramos que o caráter polissêmico de formativos serve para otimizar a expansão do léxico sem onerar por demasia a memória do falante. Para se entender como esse sistema pode funcionar de forma eficaz sem comprometer a comunicação entre os falantes, amenizando eventuais ambigüidades e indeterminações semânticas, passamos a seguir à definição do conceito de polissemia sistemática.

3.3

A noção de polissemia sistemática

A noção de polissemia está tradicionalmente atrelada à oposição homonímia/polissemia, a qual se apresenta como distinção fundamental em lexicografia, uma vez que as palavras listadas nos dicionários aparecem como unidades globais (Basilio 2005 b). Como vimos, a partir do desenvolvimento dos estudos lexicais na Teoria Gerativa a homonímia ganha relevância, chegando à hegemonia nas descrições de formativos nos processos de formação de palavras. Segundo Basilio (*op.cit.*) e como apontado acima, tal tendência estaria relacionada à preocupação dos modelos gerativistas com a questão da

mudança de classe com implicações sintáticas, foco de investigação da gramática transformacional.

Ocupando-se do fenômeno polissêmico nas formações de palavras, Basilio (*op.cit.*) define a polissemia sistemática como o que há de padronizado e pelo menos parcialmente previsível na formação de palavras, no que concerne a diferentes alternativas de interpretação semântica. Sua ênfase na produção lexical difere do enfoque dado à polissemia pelos lingüistas cognitivistas, na medida em que estes concentram suas pesquisas em questões históricas e pragmáticas. Podemos dizer com Basilio, nesse sentido, que a polissemia sistemática refere-se à multiplicidade de interpretações possíveis de caráter pré-determinado em formações lexicais e se apresenta como uma estratégia valiosa para a utilização de uma determinada construção no exercício de várias funções interligadas.

Trata-se, na definição de Basilio, de um fenômeno resultante de um sistema eficaz que contribui de maneira fundamental para a eficiência do léxico como sistema dinâmico de armazenagem simbólica a serviço da organização lingüística, sem acarretar sobrecarga na memória.

3.4

A complexa noção de produtividade

O conceito de produtividade morfológica é um dos temas mais controversos no estudo da formação de palavras. Na raiz da discussão, segundo Aronoff (1976: 35), está o estranho fato de que em morfologia muita coisa é possível; algumas coisas, entretanto, são mais possíveis que as outras.

A questão já é abordada antes do gerativismo. Ao definir o termo, Hockett (1958: 308-309) afirma que “*a produtividade de um padrão – derivacional, flexional ou sintático – é a liberdade relativa com que falantes formam novas construções gramaticais com sua utilização*”. Segundo Bauer (2001), aquilo que Hockett considera ‘*produtividade*’, ou seja, a possibilidade de dizermos o que nunca foi dito antes, é o que Chomsky chama de

'*criatividade*'. Chomsky considera, no entanto, que processos sintáticos são produtivos, não ficando claro, como aponta Bauer, se produtividade e criatividade seriam a mesma coisa. Lyons (1981) mostra-se cuidadoso ao abordar a noção de produtividade e de criatividade, uma vez que Chomsky escreveu sobre o tema numa época em que a produtividade especificamente morfológica numa abordagem gerativa não estava em questão. A produtividade de um sistema de comunicação seria, para Lyons, "*a propriedade que possibilita a construção e interpretação de novos sinais, isto é, de sinais que não tenham sido anteriormente encontrados e que não constam de alguma lista*". Para Chomsky, a criatividade é regida por regras e representa a característica fundamental da linguagem humana, sendo justamente essa a questão à qual a Gramática Gerativa vai se dedicar.

Segundo Aronoff & Anshen (1998), a morfologia é a parte da gramática que se ocupa da forma interna de palavras complexas possíveis, que se encontram no âmbito do regular e do previsível. O léxico, conforme a Gramática Tradicional e a herança bloomfieldiana, seria a lista dos itens existentes na língua cujas formas são signos arbitrários, considerados imprevisíveis. Os pontos de ligação entre esses dois terrenos reside, para os autores, no fato de ambos serem fonte de palavras para a língua e de haver uma interdependência vital entre os dois: a morfologia, que forma novas palavras a partir de palavras, vai ao léxico buscar suas bases.

No léxico mental do falante encontram-se armazenadas as palavras existentes na língua. Nele estão as palavras que contêm apenas um morfema, as que contêm pelo menos um morfema não identificável e, ainda, as compostas por morfemas identificáveis, cujo sentido, no entanto, não é composicional, mas sim imprevisível. Já as palavras complexas possíveis, bem formadas morfológicamente, ficam fora do léxico, uma vez que a análise de seus componentes é processada por completo e facilmente através da gramática do falante. Nesse caso, a palavra será ouvida e compreendida, sendo descartada logo em seguida, sem entrar no léxico mental do indivíduo. A produção de formas complexas se dá, assim, aplicando-se regras morfológicas a bases de palavras armazenadas no léxico mental do falante, ou seja, a morfologia depende do léxico na medida em que as bases de palavras morfológicamente complexas são entradas lexicais.

Segundo Aronoff (1976: 35), embora haja em sintaxe regras mais ou menos produtivas que outras, há aquelas em que o conceito de produtividade simplesmente não é

pertinente – em oposição às Regras de Formação de Palavras (RFPs), nas quais a questão é sempre relevante. Ao abordar a produtividade, como aponta Aronoff, tende-se, intuitivamente, a considerá-la uma mera questão numérica. Numa perspectiva, uma RFP seria, então, mais produtiva que outra RFP em função da quantidade de produtos formados por uma em detrimento da outra. Sendo assim, quanto maior a lista de seus produtos, mais produtiva a RFP. Listas, entretanto, não dão conta da produtividade de uma RFP, uma vez que não levam em consideração as restrições morfológicas relacionadas às bases lexicais sobre as quais as RFPs atuam. A segunda objeção que Aronoff faz ao critério da computação de uma RFP em termos numéricos é o fato desse método basear-se na idéia de que toda palavra que criamos é imediatamente catalogada em uma lista. Se considerarmos a produtividade da RFP que forma advérbios em português, acrescentando o sufixo *–mente* a uma base adjetiva feminina, podemos considerar supérflua uma lista contendo esses produtos previsíveis.

Assim como Aronoff (1976), Anderson (1992) também descarta como parâmetro significativo de estrutura lingüística a computação numérica das formas existentes criadas a partir de uma regra. Antes, interessa para o autor investigar quantas formas daquelas que uma regra pode prever são realmente possíveis e aquelas que de fato não são possíveis.

Kastovsky (1986) trata da questão em torno da relação entre produtividade e função. O falante, ao formar palavras, atende basicamente a duas funções, a saber, a mudança categorial e a rotulação. Basilio (1987) acrescenta ainda a função expressiva de avaliação com o intuito de afetividade, exagero ou pejoratividade, como, por exemplo, o emprego do diminutivo em português e o sufixo *–udo*, que forma adjetivos a partir de substantivos. Kastovsky procura avaliar a influência de uma função específica na produtividade de um processo de formação. A função da rotulação seria basicamente lexical e estaria ligada à existência real ou imaginada de um referente ou de uma classe de referentes que necessita de uma denominação. Uma vez que a necessidade de rótulos está relacionada a fatores de ordem pragmática e de saliência cultural, processos utilizados para designar referentes são menos produtivos que os de recategorização, os quais partem de uma motivação gramatical.

Em relação à função de mudança categorial, trata-se, segundo Kastovsky, da gramática em conjunção com certas propriedades da base que já pré-determina as possíveis categorias, tais como nomes de ação, resultado, agentes, adjetivos relacionais. Esses

existiriam da mesma forma que o pretérito de um verbo ou o plural de um substantivo. Ter-se-ia na recategorização, antes, a concretização de uma possibilidade gramatical, não propriamente produtividade, a qual se colocaria apenas no nível morfológico, no que concerne à competição entre afixos.

Basilio (1990) considera interessante a hipótese de Kastovsky, uma vez que explica, por exemplo, as diferenças de produtividade entre padrões derivacionais mais gerais como a nominalização de verbos e processos menores como a regra de adição do sufixo *-ada*, utilizada em bases nominais para designar pratos culinários em português. Chama atenção, entretanto, para o fato de a mudança categorial não poder ser considerada apenas como uma possibilidade gramatical geral. Basilio observa que formações como nominalizações podem ter função tanto de rotulação, quanto de recategorização, além de haver casos em que não se pode falar de uma função de mudança categorial, pois apresentam função semântica clara, como vemos no uso do sufixo *-udo*, mencionado acima.

Levando em conta o componente semântico da recategorização, Basilio introduz uma proposição alternativa, segundo a qual o “fator relevante na relação entre produtividade/ função não é a mudança categorial, mas, sim, a ausência de uma função semântica particularizada”. Dessa forma, pode-se dar conta de casos menos produtivos de recategorização onde há uma função semântica particularizada, em oposição a casos de semântica mais geral. Para a autora, a maior ou menor produtividade do processo relaciona-se diretamente às restrições semânticas determinadas pela função.

3.5

Polissemia sistemática e produtividade

No presente estudo, pretendemos focalizar a produtividade em formações lexicais a partir da perspectiva semântica, a qual tem sido relegada a um segundo plano, possivelmente por causa da concentração de abordagens gerativas na função de transposição ou mudança de classe. A questão da produtividade do ponto de vista semântico está diretamente relacionada ao enfoque no aspecto polissêmico e/ou multifuncional dos processos de formação de palavras.

Como apontado por Basilio & Andrade (2005), aqui reintroduzimos com outro foco uma questão ressaltada por Aronoff (1976), a saber, a relevância da caracterização morfológica para a definição da produtividade de um processo de formação de palavras. Segundo Aronoff, dizer que um determinado afixo é produtivo significa dizer muito pouco. É importante verificar a produtividade de uma Regra de Formação de Palavras quando atuando sobre uma base morfológica determinada, uma vez que uma RFP pode ser mais produtiva com uma base do que com outra. Nesse sentido, é fundamental que afirmações de produtividade estejam circunscritas a tipos morfológicos de bases. Acrescentamos à premissa de Aronoff o fato de a necessidade de especificação de ambientes de produtividade não se limitar ao âmbito morfológico. Assim, considerando que a função da prefixação é essencialmente semântica e que a noção específica a ser combinada com uma palavra-base não é necessariamente única, ou seja, prefixos podem ser polissêmicos, dizer que um prefixo é produtivo na formação de verbos não basta; é essencial considerar, em função da estreita relação entre o significado da base e uma determinada função semântica do prefixo em uma situação de polissemia sistemática, quais significados do prefixo são produtivos com que significados de verbos.

No capítulo seguinte, apresentaremos algumas acepções do prefixo *re-* identificadas no *corpus* da pesquisa, procurando determinar os significados das bases verbais com os quais as diferentes acepções podem ser consideradas produtivas.

A polissemia de *re-* no português contemporâneo

Neste capítulo, concentraremos nossa atenção na análise do prefixo *re-* e de seu potencial polissêmico na formação de verbos a partir de verbos. Partiremos dos dados sobre o uso de *re-* em formações na língua oral e escrita selecionados em um *corpus* jornalístico (*O Globo* e *Folha de São Paulo*), bem como em um *corpus* dicionarístico, a saber, a versão eletrônica do dicionário *Houaiss*, como fontes de material representativo da linguagem escrita, e o *corpus* referente às transcrições de material gravado para o estudo da língua falada culta realizado pelos pesquisadores do projeto NURC.

Como apresentado no capítulo anterior, ao abordar os valores do elemento formativo *re-* em processos de derivação por prefixação, teóricos e estudiosos limitam-se, por um lado, a listar alguns exemplos de formações, frequentemente descontextualizados, como procedem em geral os gramáticos tradicionais; por outro lado, a opção pela homonímia, assumindo-se a existência de diferentes prefixos *re-*, independentes um do outro, apresenta-se como único recurso encontrado em descrições de base gerativista a fim de dar conta da variação semântica do prefixo *re-*, não se cogitando seu caráter polissêmico. Tal decisão resulta da propensão teórica da abordagem gerativista à redução de diferentes acepções a um significado de caráter mais abstrato.

Em alguns autores encontramos, porém, análises que dedicam maior atenção ao aspecto semântico do prefixo *re-*. Vimos, por exemplo, que, apesar de sua afinidade com a tradição gramatical, Said Ali vai além da mera listagem dos formativos em Português, dedicando espaço considerável a informações semânticas referentes aos afixos, dentre os quais se encontra o prefixo *re-*. Em sua análise, chega a seis valores atuais recuperáveis em formações com o prefixo, sendo uma delas, no entanto, restrita ao português europeu. Notamos, além disso, a preocupação de Said Ali com a produtividade, questão sobre a qual poucos se debruçavam em seu tempo e que seria, mais tarde, tema de grande interesse entre os gerativistas.

Entre os autores brasileiros mais recentes, Sandmann (1989) faz menção à polissemia como fator inerente ao prefixo *re-*, característica à qual dedica dois ou três parágrafos, sem, contudo, deter-se na questão da produtividade. Em seu estudo sobre

formação de palavras por prefixo em Português, Duarte (1999) também se refere ao caráter polissêmico do prefixo *re-* ao reconhecer a possibilidade da leitura semântica “*nova elaboração*” na formação deverbal *reelaboração*. Apesar de levantar a questão da multiplicidade de significados dos prefixos, Duarte se restringe a apenas um exemplo no caso de *re-* e segue explorando o tema da produtividade, sem levar em conta o componente semântico dos itens arrolados em seu *corpus*. O autor reitera, no entanto, que sua pesquisa não se limita “à mera distribuição de formas, em detrimento de considerações semânticas complementares” (*op.cit.*p.113).

Nosso objetivo nesta dissertação é analisar a produtividade do prefixo *re-* na formação de verbos e formas nominais explicitamente oriundas de verbos (*cf. releitura*), tendo como ponto de partida seu potencial polissêmico, o qual, como observamos, já foi mencionado por Said Ali e outros pesquisadores.

Com o intuito de obter dados mais precisos sobre o traço polissêmico do prefixo *re-*, reunimos exemplos da língua escrita e oral contendo uma quantidade razoável de formações, atentando em nossa escolha sempre para a transparência, tanto do prefixo, quanto da base. Em um primeiro momento, organizamos os dados em grupos de quatro acepções, às quais acrescentamos, posteriormente, mais duas. Durante a organização das formações, descartamos as ocorrências que, apesar de morfologicamente transparentes, suscitavam dúvida quanto ao critério semântico, considerando somente os exemplos cujo valor específico encerrado na palavra pudesse ser recuperado.

Ao analisarmos o *corpus* coletado do inventário dicionarizado, constatamos que o dicionário *Houaiss*, recentemente publicado, segue a tradição lexicográfica e lista tanto formações cujo significado seria recuperado através do sentido de *re-* como repetição, quanto outras acepções. No verbete dedicado ao prefixo *re-*, consta que o Vocabulário Ortográfico “consigna copiosíssimo número de palavras com este prefixo - dos mais prolíficos da língua”. O dicionário *Houaiss*, sustentando-se na avaliação do V.O., propõe uma divisão dos valores de *re-* em quatro grupos de sentidos, a saber: retrocesso, repetição, reforço e oposição, acrescentando ao primeiro grupo o prefixo *retro-*, como em *retroagir*, *retroceder* e *retrogradar*, do qual não nos ocuparemos aqui.

Como exemplo do tratamento dado pelo dicionário *Houaiss* a formações com *re-*, levando em consideração o aspecto polissêmico da unidade lexical, vejamos a entrada referente ao verbo *requeimar*:

□ verbo

transitivo direto

- 1** queimar de novo ou queimar muito
Ex.: r. o fio de um aparelho elétrico

transitivo direto

- 2** (1663)
ressecar pela ação do fogo ou do sol; crestar, tostar
Ex.: r. a pele

transitivo direto e intransitivo

- 3** produzir ardor em; ter sabor acre, picante
Ex.: <um molho muito apimentado requeima a boca> <a pimenta requeima>

pronominal

- 4** sentir dor, mágoa; ressentir-se, melindrar-se
Ex.: requeimava-se com a inveja da irmã

Como na grande maioria das entradas de formações com o prefixo, a primeira acepção de *requeimar* é *queimar de novo*. Ou seja, parte-se primeiramente da acepção *realizar outra vez ato X*, acrescido à base verbal, remetendo-se à idéia de repetição contida no prefixo. Em relação às formações cujo primeiro sentido do prefixo *re-* seria “*de novo*”, Sandmann argumenta ser supérfluo listar em dicionários os produtos que contêm tal sentido. Segundo o autor

O **Aurélio** traz numerosas palavras em que *re-* significa somente “de novo”: readmitir, readotar, readormecer. A meu ver isso é desnecessário, pois há um critério para decidir sobre o que deve ser registrado e o que não deve ser registrado. Como todos os verbos e substantivos de conteúdo dinâmico podem formar com o prefixo *re-* uma palavra complexa, é suficiente registrar as palavras com prefixo *re-* que, como foi demonstrado acima, têm um conteúdo diferente de “novamente” ou um conteúdo mais complexo.

(1989: 26)

De fato, quando analisamos as cerca de 4.000 entradas de formações com o prefixo *re-* no dicionário *Houaiss*, encontramos itens como *reinscrever* e *recopiar*, cujos significados são, respectivamente, *inscrever(-se) novamente* e *tornar a copiar*; entretanto, não constam da longa lista formações como *recatalogar* e *retelefonar*, nas quais o prefixo *re-* pode, igualmente, conter a acepção de repetição. A escolha de determinadas formações

lexicais em detrimento de outras, sem uma motivação aparentemente clara, revela o caráter subjetivo das decisões lexicográficas.

Sendo seu objetivo primeiro inventariar o conjunto de palavras de uma língua, ou seja, seu léxico, o mais abrangentemente possível, o trabalho dos lexicógrafos se origina de pesquisas em obras literárias, técnicas, didáticas e em periódicos, não se restringindo, contudo, exclusivamente à língua escrita. Consultando o dicionário utilizado para esta pesquisa, não raro nos deparamos com entradas de vocábulos típicos da linguagem oral, em parte devido ao cuidado de se listarem regionalismos, os quais freqüentemente são característicos da língua falada. Ao incluir nos verbetes de formações derivadas as diversas acepções de elementos antepositivos, entre os quais o prefixo *re-*, dedicando a esse formativo inclusive uma entrada própria contendo informações etimológicas e semânticas relativamente extensas, o dicionário *Houaiss* procura dar conta dos valores do prefixo em inúmeras construções lexicais, corroborando seu potencial polissêmico. Dessa forma, diferentemente das listas de formativos e seus respectivos significados que habitam, via de regra, as gramáticas tradicionais, a descrição lexicográfica se detém de maneira mais cuidadosa no aspecto semântico do prefixo *re-*.

A análise da parte do *corpus* de língua falada, constituído por uma fração do material compilado e organizado pelo Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta Urbana – Projeto NURC – teve como objetivo nesta pesquisa investigar o grau de ocorrência de formações com o prefixo *re-* no discurso oral. A parte do *corpus* que utilizamos consiste da transcrição de registros fonográficos, reunida em seis volumes, oferecendo amostras de inquéritos gravados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo nos anos setenta. Os textos das entrevistas estão divididos em elocuições formais, diálogos informais entre locutor e documentador e diálogos informais entre dois locutores.

Nestas transcrições, procuramos exemplos de formações transparentes com o prefixo *re-*, nas quais fosse possível recuperar o significado da palavra-base e a mudança semântica a ser atribuída pelo acréscimo de *re-*. Constatamos em nossa investigação a reduzida ocorrência de formações com *re-* em geral e, mais especificamente, de construções onde a base é recuperável. Exemplos de formações não-transparentes são os verbos *requerer*, *recordar*, *recorrer*, *ressaltar*, *revestir*, *refugiar*, *respingar* e *rebuscar*; *revisão*, *revisionismo* e *repuxinho* são exemplos de formas nominais coletadas. A maior parte das

poucas formações mais transparentes foram verificadas em transcrições de elocuições formais. Verbos como *recriar* e *rever*, por exemplo, em uma aula de química, e *reerguer* e *reformatar*, atestam a tendência de formações desse tipo a ocorrerem em contextos mais formais, nos quais a produção oral costuma ser mais cuidada e tensa.

Como aponta Basilio (1987, p.81), a distinção entre língua falada e língua escrita é bastante importante. A língua escrita procura superar a limitação natural do discurso oral. Sem a pressão do tempo e com o peso da permanência, a língua escrita é produzida de maneira mais cautelosa e formal do que a língua falada. Basilio se refere a diferenças marcantes entre os dois registros, tanto no nível sintático, quanto no nível morfológico; há sensíveis diferenças no âmbito do léxico e, conseqüentemente, nos processos de formação de palavras.

A análise do *corpus* do NURC nos sugere que formações transparentes com o prefixo *re-*, nas quais podem se verificar diferentes acepções do formativo, não ocorrem com frequência na língua falada. Presumimos que a baixa ocorrência verificada advenha tanto do fato de se tratar de entrevistas feitas nos anos setenta, período no qual se constata nas pessoas uma postura relativamente conservadora, quanto da própria situação de documentação do projeto. Os entrevistados utilizam, via de regra, uma linguagem padronizada que privilegia formas consagradas, sendo rara a ocorrência de formas não dicionarizadas.

Diferentemente da linguagem oral, a língua escrita nos permite uma produção mais esmerosa, com mais espaço para questões de especificações semânticas e nuances de significado. Em virtude das limitações constitutivas da produção oral e da maior incidência de novas formações contendo as diferentes acepções do prefixo *re-* na língua escrita, concentramos nossa análise no *corpus* escrito jornalístico.

No *corpus* pesquisado, constatamos que, no atual estágio do Português brasileiro, o prefixo *re-* constitui um elemento formativo bastante produtivo que encerra vários significados em formações de base verbal. Como mencionamos acima, nossa análise consistiu na seleção de exemplos retirados do material jornalístico e sua organização em grupos de acepções. Mais especificamente, o procedimento utilizado para se estabelecerem esses grupos de significados se fundamentou na análise de verbos formados pelo acréscimo de *re-* que apresentassem constituição transparente; ou seja, observou-se a possibilidade de

se recuperar, morfológica e semanticamente, tanto a base verbal, quanto o prefixo *re-*. Dessa maneira, formações com *re-* como *refletir*, *regredir* e *refutar*, por não conterem uma base com significado sincronicamente recuperável, a saber **fletir*, **gredir* e **futar*, não foram objeto de análise, do mesmo modo que verbos como *recorrer*, *revestir* e *repisar*, nos quais não é possível se fazer a relação entre as noções expressas nas palavras-base *correr*, *vestir* e *pisar*, e a ampliação semântica contida nas formas derivadas por prefixação.

Uma vez selecionadas as construções, investigamos se o produto do processo de formação [re- [X]]v continha um valor de *re-* que exprimisse simples repetição ou se encerrava uma outra acepção. Nesse sentido, ao analisarmos uma formação como *reconfortar* verificamos que não seria aplicável a interpretação *repetir o ato de confortar*. Há na construção uma acepção de reforço proveniente da adição do prefixo *re-* que nos leva a entender *reconfortar* como *realizar o ato de confortar com mais intensidade*. A partir desse procedimento, estabelecemos o grupo de acepção 4 - [re-[X]]v : realizar ato X com reforço ou intensificação.

Nesse sentido, analisando as conotações possíveis que as formações com *re-* suscitaram ao se selecionarem no *corpus* os exemplos para esta pesquisa, chegamos à seguinte proposta de classificação dos valores do prefixo:

- 1- realizar o ato X de modo diferente ou com resultado diferente
p. ex.: *repensar*, *reconsiderar*
- 2- realizar ato X que corresponde a volta a um estado anterior
p. ex.: *redemocratizar*, *reestatizar*
- 3- repetir ato X
p. ex.: *reiniciar*, *reinaugurar*
- 4- realizar ato X com reforço ou intensificação
p. ex.: *reafirmar*, *ressecar*
- 5- realizar ato X causando movimento contínuo ou iterativo
p. ex.: *revirar*, *remexer*
- 6- realizar ato X causando movimento reversivo ou contrário
p. ex.: *rebater*

Na elaboração desses grupos de acepções, constatamos o elevado grau de produtividade do prefixo *re-* no Português contemporâneo falado no Brasil. Podemos relacionar essa alta produtividade com os valores que *re-* pode assumir em novas formações e com o potencial de utilização deste afixo nas diferentes acepções que apresenta.

No entanto, não é suficiente constatar que um determinado prefixo é produtivo na formação de verbos; faz-se necessário verificar quais significados do prefixo são mais ou menos produtivos ao se combinarem com determinados significados de verbos. Dessa forma, sendo *re-* um prefixo polissêmico, os verbos que pode formar apresentam uma configuração semântica relativamente previsível que nos permite, pelo menos em termos parciais, prever o significado do produto.

Podemos, assim, estabelecer uma situação de polissemia sistemática em processos de formação de palavras com o prefixo *re-*, procurando delimitar de modo mais preciso o conjunto de construções lexicais possíveis no presente estágio da Língua Portuguesa, a partir das condições de produtividade. Observamos, pois, que a polissemia de *re-* não é uma polissemia aleatória e incidental, mas derivada de conjunções de significados que apontam uma direção funcional na formação de palavras por prefixação.

A seguir, apresentamos os grupos de acepções.

4.1 Acepção 1

[re- [X]]v : realizar o ato X de modo diferente ou com resultado diferente

A análise de dados do *corpus* jornalístico nos revelou que várias formações de base verbal com o prefixo *re-* não correspondem à simples repetição do ato X. Ao se retomar a ação designada pela base verbal, constatamos em novas formações que a intenção é focar uma mudança de perspectiva a partir de método ou maneira alternativa, acarretando resultado diferente.

Vejam os caso da formação *retrabalhar* na oração que segue:

- (1) *O Festival Internacional de Berlim foi marcado por uma nova geração de diretores que vêm **retrabalhando** o passado nazista da perspectiva da esfera privada.*
Folha 14/3/2005

O verbo *retrabalhar*, não inventariado pelo dicionário *Houaiss*, refere-se ao *ato de trabalhar algo de forma diferente* e não meramente a *repetir o ato de trabalhar*. De maneira semelhante, podemos interpretar as formas derivadas *reestruturar* e *rebatizar*, como nos exemplos (2) e (3) a seguir:

- (2) *Dal Maso diz que um dos principais objetivos da missão de paz, coordenada pelo Brasil, é **reestruturar** a polícia para que a autoridade passe a ser a principal força de segurança.*
O Globo – 24/3/2005
- (3) *Cefet **remarca** datas de concurso de admissão.*
O Globo – 17/11/2005

como *estruturar algo em novas bases com resultado diferente e marcar uma nova data*, alterando a original.

Ao listarmos as formações nas quais o acréscimo do prefixo *re-* significa realizar ato X de modo diferente, verificamos que verbos que envolvem atividades mentais do tipo *pensar, avaliar, interpretar, definir, considerar, analisar, categorizar* e *dimensionar* apresentam como interpretação preferencial para o prefixo *re-* a idéia de efetuação do processo verbal básico com efeito diferenciado.

Vejamos os seguintes exemplos:

- (4) *O empresário Marcelo Garcia, freqüentador assíduo dos workshops, aproveita este mês para **repensar** suas necessidades.*
O Globo – 19/3/2005
- (5) *No texto os conclamava a **reavaliar** as manifestações pró-democracia de 1989.*
O Globo – 24/3/2005
- (6) *Para incorporar um país muçulmano de 70 milhões de habitantes, a UE deve **reinterpretar** a identidade da Europa.*
Folha – 6/10/2005
- (7) *Determinados papas **redefinem** o pontificado de forma permanente.*
Folha – 6/4/2005

- (8) *Um líder do grupo terrorista palestino Hamas afirmou ontem que a missão de destruir Israel pode ser **reconsiderada** e que negociações de paz com o Estado judeu poderão ser iniciadas.*
Folha – 22/9/2005

O prefixo *re-* atribui a noção de *realizar um ato de forma diferente* também a verbos que remetem à criação artística e intelectual como vemos em *escrever, criar, inventar e traduzir* nas orações (9), (10), (11) e (12) a seguir:

- (9) *Florencia adotou esse mesmo procedimento de **reescrever** relatos populares para chegar a seus “seis contos nômades”.*
Folha – 22/10/2005
- (10) *Kafka **recriado** pela ganhadora do prêmio Nobel de literatura de 2004, Elfriede Jelinek.*
Folha – Mais – 5/6/05
- (11) *Quincas Berro D’Água, por exemplo, radicaliza esse processo: cansado da realidade, ele **reinventa** uma nova vida que preenche aquilo que imagina como vida.*
Folha – 16/7/2005
- (12) *Toda obra de arte deve ser **retraduzida** de tempos em tempos, atendendo-se à própria evolução da língua, à modernização do entendimento do tradutor diante dos novos estudos e análises que surgem entre uma e outra tentativa.*
Folha – 26/6/05

Assim como em verbos que denotam atividade mental e artística, *re-* é produtivo com o sentido de *realizar ato X de modo diferente* em bases que encerram a idéia de realização de projeto ou planejamento, tais como *desenhar, configurar, formular e diagramar* nos exemplos (13), (14) e (15) a seguir:

- (13) *Uma coleção de escritos gregos e romanos tão vasta que poderia **redesenha** o mapa da civilização clássica.*
Folha – 23/4/2005
- (14) *Nova ordem econômica **reconfigura** as cidades e põe em risco os fundamentos físicos da democracia.*
Folha – 30/10/2005

- (15) *É com essa empolgação quase adolescente que a antiga coleção da Agir (...) está sendo gradualmente repensada, **reformulada, rediagramada** e **expandida**.*
O Globo – 10/12/2005

Podemos interpretar as formações *redesenhar, reconfigurar, reformular* e *diagramar* como *desenhar, configurar, formular* e *diagramar algo de modo diferente*, obtendo-se *resultado diferente*.

O prefixo *re-* com a acepção *realizar ato X de modo diferente* apresenta alta produtividade notadamente em bases verbais que contêm a noção de atividade mental, artístico-intelectual e realização de projeto.

4.2

Acepção 2

[re-[X]]v: realizar ato X que corresponde a volta a um estado anterior

Arrolamos neste grupo formações em que o elemento *re-* corresponde a um movimento de reversão, tendo como alvo um estado prévio.

Vejamos o exemplo (1):

- (1) *Se os fundos querem **reestatizar** a Brasil Telecom, que façam, mas de maneira completa.*
Folha – 1/7/2005

Assim como constatamos nas formações *refertilizar, redemocratizar, remexicanizar, ressatanizar, renacionalizar, reconscientizar* e *reprivatizar*, podemos estabelecer a hipótese de que verbos que indicam mudança de estado podem ser bases de formação de novos verbos pelo acréscimo do prefixo *re-*, os quais terão o significado de "efetuar retorno ao estado alvo especificado no verbo base". Desta forma, o verbo corresponde a uma causatividade ou ação tendo em vista uma mudança de estado; o acréscimo de *re-* tem então como escopo o estado, ou seja, a idéia de repetição tem como escopo o estado e não o processo verbal.

Nas fases (2) e (3) a seguir:

- (2) *O governo não deve temer a palavra **reestatização**.*
Elio Gaspari – Folha 9/2/2005
- (3) *Pelo humor com que retrata a geração portuguesa que chegou à vida adulta durante a **redemocratização** do país.*
Folha – 2/4/2005

as nominalizações *reestatização*, formada a partir do verbo *reestatizar* e *redemocratização*, correspondente ao verbo *redemocratizar*, exprimem o restabelecimento de um estado econômico e político anterior.

A idéia de retorno ou retomada da ação verbal expressa pelo prefixo *re-* também está contida em formações cuja base são verbos dinâmicos que denotam início de um processo. Observemos as seguintes frases:

- (4) *Antes de um parecer da comissão de ética do PT, não há como ele ser **reincorporado**.*
Folha – 3/12/2005
- (5) *‘Não **reativei** antigas práticas desde que voltei’*
O Globo – 29/10/2005
- (6) *União vai **recontratar** servidor aposentado.*
O Globo – 27/8/2005
- (7) *STF muda decisão do STF e senador é **reempossado**.*
O Globo – 29/10/2005
- (8) *Do outro lado, há quem entregaria seu cargo na direção para **reintegrar** o ex-deputado.*
Folha – 3/12/2005

As bases *incorporar*, *ativar*, *contratar*, *empossar* e *integrar* denotam o começo de uma ação que leva a um estado X. Ou seja, o resultado de *incorporar X* é *X incorporado*, ao se *ativar X*, temos *X ativado*. Desse modo, as formas derivadas *reincorporar* e *reativar* sugerem o restabelecimento de algo ou alguém ao estado de *incorporado* e *ativado*, respectivamente.

Na frase (9) temos mais um exemplo da idéia de retorno a uma condição anterior ao momento da elocução:

- (9) *É importante **reapropriar** essas formas de sociabilidade que estão sendo perdidas neste contexto de individualização das relações, em que os encontros são virtuais.*
Folha – 26/5/05

Defende-se na frase a volta a um estado em que *'formas de sociabilidade'* eram comuns nas interrelações humanas, já que as pessoas as tinham *'apropriadas'*. Entretanto, essas *'apropriações'* foram se perdendo com as inovações tecnológicas acompanhadas de uma evolução dos hábitos. O prefixo *re-* indica restabelecimento de um processo para alcançar um determinado estado de coisas. Outros exemplos:

- (10) *Quem o “**requalificou**” foi o PT ao aliar-se a ele e ao entregar-lhe estatais como os Correios.*
Clovis Rossi – Folha – 14/6/2005
- (11) *A partir do momento em que a violência aparece, suscita efeitos diversos na vida desse homem e dos que o cercam, transformando a postura de seus filhos ou mesmo **repimentando** a vida sexual do casal.*
Folha – 20/10/2005

Notamos que em derivações parassintéticas, a acepção de retorno a um estado inicial parece ser bastante produtiva, como vemos nos exemplos seguintes:

- (12) *A encomenda é uma necessidade emergencial, e com ela também se colabora de forma decisiva para **revitalizar** um seguimento de imensa relevância estratégica e social.*
O Globo – 29/3/2005
- (13) *A interpretação da noção de opinião pública como extensão de opinião publicada **revigora-se** agora com os novos contornos que adquire a concepção de 'publicação' como o ato de 'tornar pública' alguma coisa.*
O Globo – 3/4/2005
- (14) *O que não fica claro é que respostas dará para curar sua indignação, a não ser a mexida no PT, que parece apontar para uma “**repetização**” do partido enquanto se “despetiza” o governo.*
Clovis Rossi – Folha – 14/7/2005

A acepção do prefixo *re-* como *realizar ato X correspondendo a volta a um estado anterior* mostra-se bastante produtiva quando o verbo-base, preferencialmente dinâmico, indica mudança de estado ou início de ação.

4.3

Acepção 3

[re-[X]]v: repetir ato X

A acepção do prefixo *re-* como *repetição de ato expresso na base verbal* é a primeira e, em alguns casos, única possibilidade de interpretação arrolada em gramáticas tradicionais e em estudos contemporâneos sobre elementos antepositivos.

Como vimos no capítulo 2, Cunha & Cintra (1985) atribuem ao prefixo *re-* o sentido de *repetição e movimento para trás*. Bechara (1999) acrescenta à acepção básica de repetição que *re-* encerra o sentido de *movimento para trás*, assim como como Cunha & Cintra, e adiciona ainda duas outras acepções ao prefixo, quais sejam, as idéias de *reciprocidade* e de *intensidade*.

Em seu estudo de base gerativa sobre a competência de falantes no reconhecimento de diferentes acepções de prefixos de origem latina no Português, Cavalcanti (1980: 61) considera a noção de repetição contida no prefixo *re-* uma redundância morfológica presente no léxico que constitui um processo produtivo na formação de novas palavras. Segundo a pesquisadora, ao adicionar a um verbo o prefixo *re-*, com a idéia de *repetição* ou *retomada*, a intenção do falante seria de expressar retorno ao ponto inicial de uma determinada ação que se desgastou ou desapareceu com o tempo (*op. cit.* p.39). Em sua pesquisa baseada em testes com falantes nativos do português brasileiro, a autora conclui que o único sentido vivo recuperável do prefixo *re-* é o de repetição de uma ação verbal (*op. cit.* p. 61). Em relação aos outros significados arrolados em gramáticas prescritivas, como *movimento para trás* e *reciprocidade*, Cavalcanti verificou que, no atual estágio da língua, os falantes não os reconhecem no prefixo *re-*.

Oliveira (2004) admite a existência de dois prefixos *re-* homônimos. Um *re-* com o sentido de *repetição* e um outro, significando *movimento para trás*. A autora, entretanto, referindo-se a Cavalcanti (*op. cit.* p.238), considera que a noção de *movimento para trás*

não constitui um processo produtivo na criação de novas palavras no atual estágio da língua portuguesa, restando apenas *re-* com o sentido de repetição.

O valor do prefixo *re-* contido nas formações listadas neste grupo de acepção denota a mera *repetição do ato expresso na base verbal*. Assim, este grupo corresponde ao significado previsto, via de regra, para as formações com *re-*. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (1) *Lixo do réveillon **reinicia** guerra.*
O Globo – 2/1/2006
- (2) *O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva pode até ter chances de se razoáveis de ganhar as eleições do ano que vem, caso se **recandidate**, apesar da crise.*
Folha – Clóvis Rossi – 15/10/2005
- (3) Com receitas antigas e novas confrarias, jovens **redescobrem** os prazeres de cozinhar.
Folha – 26/5/2005
- (4) Quanto mais **releio** “A Divina Comédia”, mais me convenço de que essa obra é, no Ocidente, além de cânone básico, uma didática heterodoxa para se criar e entender poesia.
Folha - 17/7/2005

O aspecto dinâmico das bases verbais *iniciar, candidatar, descobrir* e *ler* permitem que a ação seja repetida. Cavalcanti (*op.cit.*) chama a atenção para as restrições semânticas dos verbos-base com os quais *re-*, com o sentido de *repetição*, pode se combinar. A autora identificou em sua pesquisa uma incompatibilidade entre a idéia de *repetição* e o aspecto permansivo de verbos como *morrer, matar, falecer, suicidar-se* e *comer*.

Nos exemplos (5), (6) e (7) a seguir:

- (5) *Premiado em todo o mundo nos últimos anos, gênero que teve seu auge nos anos 60, **renasce** agora tentando seduzir o grande público e questionando a sociedade contemporânea.*
Folha – 27/3/2005
- (6) *Encontro de compositores na Zona Norte do Rio quer **reviver** época que revelou Zeca Pagodinho.*
Folha – 18/07/2005

- (7) ***Ressurge a maldição do segundo mandato.***
Folha – 28/10/2005

os verbos-base *nascer, viver e surgir* evocam o início de um processo e não o fim, sendo compatível com a noção de *repetição* que lhes é atribuída pelo prefixo *re-*.

Outras limitações semânticas da base verbal exigidas para o acréscimo do prefixo *re-* contendo a noção de repetição, segundo Cavalcanti, são as cópulas e os verbos auxiliares. As cópulas *ser, estar, permanecer, ficar e tornar-se* expressam uma situação genérica, constante, durativa ou a idéia de mudança, não um processo ou uma ação. Já os auxiliares *ter, haver, ser e estar*, carregam em si as noções de aspecto, modo ou voz, recaindo a idéia de repetição sobre o verbo principal.

A acepção de *repetição* encerrada no prefixo *re-* apresenta-se bastante produtiva em expressões do tipo *X e re- + X* como vemos na oração (9) a seguir:

- (9) ***As teses que brotam e rebrotam nas publicações anglo-americanas são variações da ideologia huntingtoniana.***
Folha – 20/1/2006

Assim como nos pares *ler e reler, ver e rever, fazer e refazer, lembrar e relembrar*, temos em *brotar e rebrotar* uma estrutura que produz uma intensificação explícita empregada com o intuito de enfatizar a repetição e a continuidade da ação.

Entretanto, conforme detalharemos adiante, muitas das formações com esta acepção são ambíguas. Por outro lado, a produtividade desta acepção é menos evidente que a de outras formações.

4.4

Acepção 4

[re-[X]]v: realizar ato X com reforço ou intensificação

Neste grupo, temos formações em que o emprego de *re-* com o sentido de repetição reforça o significado da base verbal. Ou seja, a idéia veiculada pelo prefixo se sobrepõe à do verbo, tendo com o efeito uma ênfase no significado do verbo.

Assim, o sentido da oração (1):

- (1) *A temporada de estio **ressecou** o solo da região*
O Globo – 25/3/2005

pode ser recuperado quando dizemos:

*A temporada de estio **secou** o solo já seco da região.*

Da mesma forma que o adjetivo de verbal *ressequido* no exemplo (2):

- (2) *Mas foi em abril, quando os primeiros brotos surgiram nos galhos*
***ressequidos** pelo frio, que voltei a sorrir.*
Ferreira Gullar – Folha – 22/1/2006

Como vemos, a noção de repetição conferida a *secar* através da prefixação com *re-* não corresponde àquela descrita acima no grupo de acepção 3. Enquanto no grupo 3 temos o enfoque na execução simplesmente repetida de ato X, notamos aqui que a idéia de repetição contida no elemento morfológico corresponde a uma dupla afetação, ou seja, uma ação sobre algo já afetado - *secar o que já estava seco* - o que redundando na ênfase do efeito do ato descrito na base verbal.

De forma semelhante, poderíamos parafrasear o enunciado (4) a seguir:

- (4) *É algo para **reconfortar** mesmo, para pedir desculpas por sermos tão*
competentes e competitivas.
Folha – 14/11/2005

dizendo ‘*é algo para confortar e confortar*’, já que *re-* reforça o sentido do verbo *confortar*, atribuindo-lhe somente intensidade.

Podemos dizer, assim, que em verbos formados pelo acréscimo de *re-* que não denotam mera repetição de ato X, na medida em que tal interpretação não é suficiente para se entender seu significado (*ressentir* não é *repetir o ato de sentir*), busca-se, preferencialmente, um efeito expressivo de reforço e intensidade da ação expressa na base.

4.5

Acepção 5

[re-[X]v]v: realizar ato X causando movimento contínuo ou iterativo

Trata-se de formações nas quais a base verbal é acrescida da idéia de iteratividade ou repetição contínua de um ato.

Vejam-se os seguintes exemplos em (1) e (2):

- (1) (...) *Afirmando, enquanto **remexe** o lixo nas ruas do Rio, que “Lula, sozinho, não pode fazer nada”.*
Folha – 28/10/2005
- (2) *Fui **revirar** alguns livros e descobri menções, curtas e até blasées, a Chris Bailey, Edmund Kuepper, Ivor Hay e Kym Bradshaw.*
Arthur Dapieve – O Globo – 25/3/2005

Poderíamos nos parafrasear *remexer* e *revirar*, dizendo *mexer e virar várias vezes numa situação contínua, ininterruptamente*. Em nossa pesquisa, não verificamos incidências recorrentes de formações contendo a idéia de movimento contínuo atribuída pelo valor iterativo do prefixo *re-*. Assim, não há evidência de produtividade nessa acepção.

4.6

Acepção 6

[re-[X]v]v: realizar ato X causando movimento reversivo ou contrário

Figuram neste grupo de acepção formações em que o prefixo *re-* expressa uma reação ao ato verbal contido na base. Essa reação se orienta em direção oposta à ação do verbo.

Vejam os exemplos (1) e (2):

- (1) *Deputados **rebatem** pizza com acordão.*
O Globo – 31/8/2005
- (2) *A indignação contra o nepotismo e a ganância começa a ganhar as ruas e correntes na internet convocam as pessoas a **reagir**.*
O Globo – 25/3/2005

O verbo base *bater*, bastante polissêmico, possui aqui o sentido de golpear e, por extensão, atingir um alvo. O prefixo *re-* confere a *bater* a idéia de um golpe em sentido diretamente oposto ao recebido como forma de reação a algo. Do mesmo modo, em *reagir* temos a idéia de *agir contra*.

Esta acepção de *re-* não apresenta sinais de produtividade no atual estágio da língua, a julgar pelos nossos dados.

4.7

Conclusão

Os resultados de nossa análise nos levaram a uma subclassificação em seis grupos de valores semânticos para o prefixo *re-* quando adicionado a uma base verbal, quais sejam: (1) nova efetuação de um ato, com vistas a diferença de resultado - *reconfigurar* indica uma nova efetuação do ato, de que resulta outra configuração; (2) ato de retorno a uma situação anterior - *redemocratizar* corresponde a efetuar o retorno ao estado democrático; (3) repetição de um ato - *recontar* se refere à repetição do processo de contagem; (4) ato de reforço ao significado do verbo básico - *reafirmar* traz um reforço ou ênfase ao sentido básico de afirmar); (5) ato realizado de modo iterativo - *remexer* corresponde a mexer de modo iterativo); e (6) realizar um ato com movimento reversivo - *rebater* indica bater na direção oposta. Essas acepções não esgotam as possibilidades de análise, mas são suficientes para mostrar que a idéia corrente de que o prefixo *re-* sobretudo acrescenta uma idéia de *repetição do ato verbal* diz pouco sobre os valores do prefixo e sua função semântica na formação de verbos na Língua Portuguesa.

Não consideramos, nesse sentido, infundada a constatação de *redundância morfológica* por Cavalcanti ao se referir à alta produtividade do formativo. É muito provável que a primeira acepção recuperável pelo falante ao se confrontar com formações com o prefixo seja simplesmente a idéia de *repetição*. No entanto, constatamos em nossa investigação a produtividade do prefixo *re-* em acepções que vão além da simples *repetição o ato X*, o que revela seu caráter polissêmico. Mais ainda, pudemos constatar, ao contrário do que afirma Cavalcanti, que as ocorrências em que *re-* é interpretado individualmente ou unicamente como indicador de mera repetição de um ato são pouco frequentes. Este fato pode até ser observado em nossos exemplos da p. 56, como (4) e (5), *reinstalar* e *reabrir*, respectivamente, que apresentam uma possibilidade de análise como *volta a um estado anterior*.

5

Considerações finais

Nossa intenção nesta dissertação foi explorar a produtividade em processos de formação de palavras, partindo de um viés semântico e tendo como foco o fenômeno da polissemia. Nosso objeto de estudo se concentra na investigação dos valores possíveis do prefixo *re-* como elemento formativo, buscando estabelecer um elo entre a sua produtividade e a polissemia que ele encerra no Português brasileiro contemporâneo.

Como vimos no capítulo 2, a função primordial do processo de derivação prefixal consiste na alteração semântica da base à qual o prefixo se adiciona. Embora possamos dizer, em termos gerais, que um dado prefixo, e portanto o prefixo *re-*, não se combina senão com palavras semanticamente compatíveis, isto é, que um prefixo não se adiciona legitimamente a uma palavra para formar um produto anômalo, em termos semânticos, ao constarmos a polissemia sistemática que *re-* apresenta, podemos considerar incompleta a definição descritiva, segundo a qual "*o prefixo re- pode se adicionar ao verbo X*", uma vez que não se leva em conta qual acepção do prefixo é acrescida à base verbal, bem como qual significado do verbo está disponível para o processo de prefixação.

Nesse contexto, podemos afirmar que a adição de *re-* a um verbo corresponde a uma alteração semântica sistemática no significado verbal, formando-se assim um novo verbo, com um significado diferente, mas relacionado de modo relativamente previsível ao significado do verbo do qual deriva.

Ao analisarmos as ocorrências encontradas no *corpus* investigado, podemos confirmar a essência polissêmica do prefixo *re-*, aspecto que já havia sido registrado com relativa abrangência por Said Ali (*op.cit.*). A análise classificatória apresentada no capítulo 4 nos demonstra a relação entre uma acepção específica do prefixo *re-* e a base à qual se une, o que nos remete a um dos pressupostos teóricos que orientam nossa análise: embora processos de prefixação apresentem função semântica para a formação de palavras, a noção específica a ser combinada com uma base não é necessariamente única; diante dessa premissa, afirmamos que prefixos podem ser polissêmicos.

As diferentes funções semânticas que atribuímos ao prefixo *re-* em nossa categorização se concretizam a partir das especificações contidas no significado da base

verbal. Em uma formação com *re-*, o verbo *pensar*, por exemplo, não é passível ser interpretado a partir da acepção 2 de *re- volta a um estado anterior* ou da acepção 6 *reação contrária ao ato de pensar*. A opção pela interpretação de *repensar* como *pensar de modo diferente* está diretamente condicionada ao fato do verbo *pensar* encerrar em si a noção de *atividade mental*, condição para que se garanta a coerência semântica da formação.

Como vimos no capítulo 3, abordamos neste estudo com outro enfoque a relevância da caracterização morfológica para a definição da produtividade de um processo de formação de palavras, ponto ressaltado por Aronoff (1976). Segundo o autor, dizer que um determinado afixo é produtivo, é dizer muito pouco; é essencial que afirmações de produtividade estejam circunscritas a tipos morfológicos de bases. Para Aronoff, dessa forma, não se pode dizer que uma RFP é mais produtiva que outra de forma absoluta. Deve-se questionar o quão produtiva é uma RFP em relação a uma base morfológica determinada. Uma regra pode ser mais produtiva com a base *X* do que com a base *Y*. Além disso, não se pode querer computar a produtividade de uma RFP através do simples cálculo dos itens lexicais listados no léxico.

Nesse sentido, a coerência semântica de uma RFP é, segundo Aronoff, um critério fundamental para a produtividade de uma regra. Aronoff considera uma RFP coerente quando as palavras por ela formadas são estreitamente ligadas ao significado atribuído às bases através da função semântica da regra, ou seja, na medida em que se pode prever o significado de qualquer palavra formada pela regra. Há para o autor, portanto, uma ligação direta entre coerência semântica e produtividade. Quanto mais seguro o falante se sentir em relação à coerência semântica de um formativo em detrimento de um outro concorrente, mais frequentemente ele o escolherá e, por conseguinte, maior será sua produtividade.

A alta produtividade do prefixo *re-* no presente estágio do português brasileiro está diretamente relacionada à multiplicidade de significados do formativo, o que traz problemas para a proposta de Aronoff. Como vimos em nossa análise, não podemos, entretanto, afirmar que o prefixo *re-* é produtivo em todas as suas acepções. Em função da grande incidência em nosso *corpus* de *re-* em formações contendo as acepções 1, 2 e 3, isto é, *realizar ato X de modo diferente*, *realizar ato X correspondendo a volta ao estado anterior* e *repetir ato X*, podemos afirmar que o prefixo *re-* apresenta, tendencialmente, maior produtividade nesses casos, com grande ocorrência das acepções 1 e 2 na linguagem jornalística escrita. Já a

acepção 4, em cujo grupo concentramos formações onde *re-* atribui reforço ou intensidade à palavra-base, revelou-nos pouca produtividade. No caso da acepção 5, *realizar ato X causando movimento contínuo ou iterativo*, e da acepção 6, *realizar ato X causando movimento contrário*, podemos afirmar que não se espera que surjam novas formações, ou seja, as condições de produção das acepções 5 e 6 do prefixo *re-* são praticamente nulas.

Em alguns casos não é simples discernir claramente entre uma acepção e outra. Notamos que na acepção 3, por exemplo, embora muitas ocorrências possam ser consideradas nitidamente como *repetição do ato X*, em outros casos é preferível a interpretação *volta ao estado anterior*, o que sugere que talvez haja uma ligação de tal modo entre as duas acepções que repetir o ato implica *causar o retorno ao estado anterior*.

Veja-se a esse respeito o caso de *reabrir* no exemplo (1):

- (1) *A rua Anita Garibaldi, no trecho cujas obras ficaram a cargo da Andrade Gutierrez, deverá ser **reaberta** em dois meses.*
O Globo – 5/8/2005

Podemos entender *reabrir* como *repetir o ato de abrir* ou *realizar o ato de abrir que corresponde a volta ao estado anterior de ‘aberta’*.

Além dessa dificuldade inerente ao significado de verbos como *reabrir*, *reaparecer* e *reativar*, faz-se necessário especificar semanticamente a base disponível à qual se adiciona o prefixo, a fim de se prever quais acepções *re-* pode vir a assumir. Vejamos o exemplo do verbo *ver*. No sentido de *perceber pela visão*, *assistir*, podemos entender a formação *rever* como *repetir o ato de ver*, como na fase (2):

- (2) *Não há dúvida de que os fãs vão ficar maravilhados ao **rever** os quadros do programa.*
O Globo – 19/3/2005

Já no exemplo (3):

- (3) *O Vaticano reagiu dizendo que poderá considerar a Argentina ‘sede impedida’ para o exercício religioso, caso a decisão de Kirchner não seja **revista**.*
Folha – 2/4/2005

constatamos que *rever* não se refere a mera repetição, uma vez que o sentido de *ver* equivale a *fazer avaliação de, ponderar, considerar*. Esse traço semântico do verbo nos leva a interpretar *rever* como *examinar cuidadosamente, emendar, corrigir*, atribuindo a *re-* o sentido da primeira acepção em nossa classificação, isto é, *realizar ato X de modo diferente*. Encontramos essa acepção de *rever* na nominalização *revisão*, como vemos no exemplo (4):

- (4) *Bush mandou que se fizesse uma **revisão** da política para a América Latina.*
Folha – 23/2/2006

Na medida em que a produtividade de um processo pode ser constatada em novas formações cujo significado se relaciona sistematicamente ao significado da forma base e à(s) função(s) semântica(s) do processo de formação, reiteramos que a adequação descritiva de constatações do tipo "*o prefixo re- pode se adicionar ao verbo X*" é precária, na medida em que não se especificam quais interpretações podem ser dadas ao prefixo quando adicionado ao verbo e quais interpretações tem o verbo ao ser disponível para a adição do prefixo.

Em função do quadro de polissemia apresentado pelo prefixo *re-* em nosso *corpus*, consideramos ser possível prever, pelo menos parcialmente, a interpretação potencial de uma formação nova prefixada com *re-*. A interpretação da nova forma está estreitamente relacionada com o significado da base verbal, o que sugere uma situação de polissemia sistemática para o prefixo *re-* no Português contemporâneo.

Referências bibliográficas

ANDERSON, S. **A-Morphous Morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ARONOFF, M. **Word formation in Generative Grammar**. L.I. Monograph I. Cambridge, Mass.: The MIT Press. 1976

_____ & ANSHEN, F. Morphology and the lexicon: lexicalization and productivity. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. Ed. **The Handbook of Morphology**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 237-247

BASILIO, M. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____ Prefixos: a controvérsia derivação/composição. In: **Cadernos de Lingüística e Língua Portuguesa**. Vol. 1. Rio de Janeiro. PUC-Rio, 1989.

_____ Produtividade e função do processo de formação de palavras no português falado. Comunicação apresentada no *IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina*, 1990.

_____ Verbos em –a(r) em Português: afixação ou conversão? In: **D.E.L.T.A.**, vol. 8 n.1 São Paulo, 1993.

_____ O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. In: **Veredas**, n.1, 1997. p. 9-21

_____ (1987) **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2003.

_____ Polissemia sistemática em construções lexicais. Palestra proferida na Universidade de Brasília, julho. 2005a

_____ Polissemia real e polissemia virtual em construções lexicais. In: Claudio Cezar Henriques e Darcília Simões (Org). **Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: Europa, 2005b.

_____ ; ANDRADE, F.G. Refazer não é reproduzir: a polissemia do prefixo re-. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da ABRALIN, Brasília, 2005.

BAUER, L. **Morphological productivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Ed. ver e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BREAL, M. (1913). The history of words. In: WOLF, G. (Org.). **The beginnings of semantics**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

CALLOU, D. (Org.) **A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro**.v.1. Elocuções formais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

_____; LOPES, C.R. (Org.) **A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro**. v. 2. Diálogo entre informante e documentador. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

_____. **A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro**. v. 3. Diálogo entre dois informantes. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

CÂMARA Jr. J.M. (1974). **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4ª. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. (1958) **Princípios de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

_____. **Problemas de lingüística descritiva**. 19ª ed., Petrópolis: Vozes, 1971.

CASTILHO, A.T.; PRETI, D. (Org.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v. 1. Elocuções formais. São Paulo: T.A. Queiroz, 1986.

_____. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**.v. 2. Diálogo entre dois informantes. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

CAVALCANTI, R. **Um estudo sobre alguns prefixos de origem latina numa abordagem gerativa**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1980.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUARTE, P.M.T. **A formação de palavras por prefixo em português**. Fortaleza: UFC Edições, 1999.

_____. A identificação do prefixo em diversas abordagens lingüísticas. In: **D.E.L.T.A**.vol.14 n.1 São Paulo,1998.

DUBOIS, J. *et alii*. (1973). **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix., 2004.

HOCKETT, A. (1958). **Course in Modern Linguistics**. Nova Iorque: Macmillan, 1970.

- LAKOFF, G. (1987). **Women, fire and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- _____ & JOHNSON, M. (1980). **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- KASTOVSKY, D. The problem of productivity in word formation. In: **Linguistics** n.24, 1986. p. 585-600
- LEHRER, A. Polysemy in derivational affixes. In: NERLICH, B. et alii. **Polysemy. Flexible patterns of meaning in mind**. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- LOBATO, L. **Sintaxe gerativa do português**. Belo Horizonte: Vigília, 1986.
- LOCKE, J. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Coleção *Os Pensadores*, São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- LYONS, J. (1981) **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MARTINS, H. **Metáfora e polissemia no estudo das línguas do mundo – uma aproximação não representacionista**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1999.
- MONTEIRO, J.L. (1986) **Morfologia portuguesa**. 4ª ed., Campinas: Pontes, 2002.
- OLIVEIRA, S. **Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro**. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC, 2004
- PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2003.
- PINKER, S. **The Language instinct**. New York: Harper Perennial, 1994.
- PRETI, D.; URBANO, H. (Org.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v. 3. Diálogo entre informante e documentador. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.
- ROCHA LIMA, C.H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- SAEED, J.L. **Semantics**. Oxford: Blackwell, 2003.
- SAID ALI, M. (1922) **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SANDMANN, A.J. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Editora da UFPR, 1989.

SILVA, A. O que é que a polissemia nos mostra acerca do significado e da cognição? In: SILVA, A. (Org.). **Linguagem e cognição: A perspectiva da Lingüística cognitiva**. Associação Portuguesa de Lingüística, Braga: UCP, 2001.

ULLMANN, S. (1964). **Semântica – uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987.

Apêndice A

I- Formações verbais

Mas os objetos reunidos já contêm todos os elementos que, obsessivamente, Farnese combinava e **recombinava**.

Folha 1/2/2005

É uma obra que precisa ser **redescoberta**, reapresentada, reconhecida.

Folha 1/2/2005

EUA e Alemanha já **revalorizaram** pintores.

O Globo - 9/2/2005

Coleção **repensa** o papel de livros fundadores das letras brasileiras.

O Globo - 10/12/2005

Uma vez desestruturado em seu habitat original, o grupo dissidente tenta se **reorganizar** em outras áreas geográficas, copiando, em certas instâncias, determinados modelos preexistentes ou utilizando-os como parâmetro na sua nova organização.

Folha 14/3/2005

O Festival Internacional de Berlim foi marcado por uma nova geração de diretores que vêm **retrabalhando** o passado nazista da perspectiva da esfera privada.

Folha 14/3/2005

Pioneira e atemporal, a cantora que ajudou a **redefinir** os rumos da música brasileira faria hoje 60 anos.

O Globo - 17/3/2005

A cantora que ajudou a **reescrever** a música brasileira e é considerada a maior do Brasil faria hoje 60 anos.

O Globo - 17/3/2005

Ao mesmo tempo, o universo de Jorge Luis Borges era **recriado** no também lotado Guairinha.

O Globo - 19/3/2005

O estilo do TV Pirata já foi utilizado e **reprocessado** em vários outros programas.

O Globo - 19/3/2005

César Maia: mais de 200 profissionais podem ser **remanejados** de PAMs e ambulatórios.

O Globo - 19/3/2005

No texto os conclamava a **reavaliar** as manifestações pró-democracia de 1989.

O Globo – 24/3/2005

Dal Maso diz que um dos principais objetivos da missão de paz, coordenada pelo Brasil, é **reestruturar** a polícia para que a autoridade passe a ser a principal força de segurança.

O Globo – 24/3/2005

Já o custeio na compra de sementes e insumos para a safra de verão será **renegociado** diretamente com o Banco do Brasil.

O Globo – 29/3/2005

Diante do amplo e inequívoco repúdio que despertou, a MP, naquilo que continha de nocivo ao contribuinte, já deveria ter sido **reformulada**.

Folha – 30/3/2005

O Palácio do Planalto consumiu R\$ 716 mil para **reformar** a biblioteca da Presidência da República.

O Globo - 30/3/2005

Me dei conta de que a poesia talvez seja a única linguagem holística capaz de incorporar e **reinventar** todas as linguagens de que se serve.

Folha – 17/7/2005

O Vaticano reagiu dizendo que poderá considerar a Argentina ‘sede impedida’ para o exercício religioso, caso a decisão de Kirchner não seja **revista**.

Folha – 2/4/2005

Os marxistas consideram o ser humano um produto do meio, algo a ser **remodelado** pela sociedade sem classes.

O Globo – 3/4/2005

Toda obra de arte deve ser **retraduzida** de tempos em tempos, atendendo-se à própria evolução da língua, à modernização do entendimento do tradutor diante dos novos estudos e análises que surgem entre uma e outra tentativa.

Folha – 26/6/05

Em 2003, na gestão do Presidente Carlos Lessa, os débitos foram **reescaloados**, mas sem a aprovação do Tesouro Nacional.

O Globo – 5/8/2005

Aos que invejam e lamentam viver correndo, vale notar que modificar os hábitos da vida requer, mais uma vez, calma. É preciso **readaptar** a rotina sem pressa.

Folha – 25/8/2005

Um líder do grupo terrorista palestino Hamas afirmou ontem que a missão de destruir Israel pode ser **reconsiderada** e que negociações de paz com o Estado judeu poderão ser iniciadas.

Folha – 22/9/2005

“Quando me converti, dei uma esfriada, precisava ser **remodelada**”.

O Globo – 25/9/2005

Para adicionar ironia, o partido deve se **rebatizar** como Republicano.

Folha – 3/10/2005

Para incorporar um país muçulmano de 70 milhões de habitantes, a UE deve **reinterpretar** a identidade da Europa.

Folha – 6/10/2005

As montadoras **reajustaram** os carros em 25%.

O Globo – 29/10/2005

Nova ordem econômica **reconfigura** as cidades e põe em risco os fundamentos físicos da democracia.

Folha – 30/10/2005

Cefet **remarca** datas de concurso de admissão.

O Globo – 17/11/2005

(...) Ao ser sorteado entre os vencedores do concurso público do Projeto Favela-Bairro para **reurbanizar** o Morro da Serrinha.

O Globo – 30/10/2005

O ‘Lavoura’ foi um texto que me **reorientou**. Eu poderia até dizer que me salvou.

Folha – 9/12/2005

É com essa impolgação quase adolescente que a antiga coleção da Agir (...) está sendo gradualmente **repensada, reformulada, rediagramada** e expandida.

O Globo – 10/12/2005

Não queremos a democracia representativa, queremos uma democracia participativa, vamos **refundar** a Bolívia, mudar o sistema político e o sistema econômico.

Folha – 27/4/2005

Como todos estranharão a bola nova da mesma maneira, estaria começando outra era com tudo **reequilibrado**, e com chance até para Trinidad-Tobago.

Verissimo – O Globo – 22/1/2006

O Parlamento em Beirute decidiu **reconduzir** ao cargo o premiê pró-Síria Omar Karami.

Folha – 10/3/2005

Com o barulho em torno do caso Terri Schiavo, nos EUA, **reaqueceu** a polêmica discussão em torno da eutanásia.

O Globo – 24/3/2005

Os trabalhadores que ficaram um tempo sem contribuir para o INSS e voltam a ser segurados da Previdência Social precisam de apenas quatro meses de contribuição para **reaver** o direito de pedir auxílio-doença.

O Globo – 25/3/2005

A idéia de acabar com as vinculações, que foram **reintroduzidas** na Constituição em 1988, tem o objetivo de dar maior agilidade à política econômica.

O Globo – 25/3/2005

O Brasil finalmente tem tudo para **reassumir** o lugar que merece no cenário internacional.

O Globo – 29/3/2005

Lahoud decidiu **reconduzir** Karami ao posto de premiê dez dias mais tarde.

O Globo -30/3/2005

À humanidade, que nesta hora parece perdida e dominada pelos poderes do mal, do egoísmo e do medo, o Senhor oferece o dom de seu amor, que perdoa, **reconcilia** e reabre o espírito para a esperança.

Folha – 4/4/2005

No caso de um pontífice italiano, **restabelecendo** a tradição interrompida pelo polonês Wojtyla, ele é um dos nomes mais fortes para a sucessão.

Folha – 7/4/2005

Trata-se de tentar **reintroduzir** no futebol um teor de concorrência que se vai esfarelado ante o poder do dinheiro.

Clóvis Rossi – Folha – 23/4/2005

É importante **reapropriar** essas formas de sociabilidade que estão sendo perdidas neste contexto de individualização das relações, em que os encontros são virtuais.

Folha – 26/5/05

Filme **reanima** fantasma do nazismo em SC.

Folha – 12/6/2005

Quem o “**requalificou**” foi o PT ao aliar-se a ele e ao entregar-lhe estatais como os Correios.

Clovis Rossi – Folha – 14/6/2005

Se os fundos querem **reestatizar** a Brasil Telecom, que façam, mas de maneira completa.

Folha – 1/7/2005

União vai **recontratar** servidor aposentado.

O Globo – 27/8/2005

Até o dia 29 de setembro, data do documento, a companhia precisava de US\$ 70 milhões para **reativar** a frota indisponível.

Folha – 6/10/2005

A partir do momento em que a violência aparece, suscita efeitos diversos na vida desse homem e dos que o cercam, transformando a postura de seus filhos ou mesmo **reapimentando** a vida sexual do casal.

Folha – 20/10/2005

Daimler Chrysler **readmite** quatro dos 11 dispensados depois de fiscalização interna.

O Globo – 29/10/2005

STF muda decisão do STF e senador é **reempossado**.

O Globo – 29/10/2005

Como o número de brasileiros era o que mais crescia na passagem da fronteira, o México **restituiu** o visto para brasileiros em 23 de outubro, apertando a fiscalização.

Folha – 30/11/2005

Antes de um parecer da comissão de ética do PT, não há como ele ser **reincorporado**.

Folha – 3/12/2005

Do outro lado, há quem entregaria seu cargo na direção para **reintegrar** o ex-deputado.

Folha – 3/12/2005

A encomenda é uma necessidade emergencial, e com ela também se colabora de forma decisiva para **revitalizar** um seguimento de imensa relevância estratégica e social.

O Globo – 29/3/2005

Revista ‘O Prelo’ é **relançada**.

O Globo – 17/3/2005

Não há dúvida de que os fãs vão ficar maravilhados ao **rever** os quadros do programa.

O Globo – 19/3/2005

‘**Refizemos** o caminho de Lula, para medir o caminho imenso e caótico que lhe falta percorrer’.

Folha – 28/10/2005

Peter Biskind **recompõe** ascensão da Miramax.

Folha- 19/3/2005

Uma das centenas de fontes que foram ouvidas pelo jornalista Peter Biskind para **reconstruir** a ascensão dos Weinstein em “Down...”.

Folha- 19/3/2005

O projeto para transformar o Clube de Regatas do Flamengo, na Gávea, em centro de lazer e entretenimento integrado a um estádio para 25 mil pessoas **reacendeu** uma velha polêmica.

O Globo – 5/12/2005

Os rodoviários resolveram **reabrir** as negociações com os empresários.

O Globo – 17/3/2005

Como que o presidente vai à TV defender essa política econômica, na hora de se **reeleger**, com juros subindo e desemprego aumentando?

O Globo – 17/3/2005

Apoiadores do projeto de lei acreditavam que o tubo de alimentação pudesse ser **reinstalado** antes de o caso ser levado à corte federal.

Folha – 21/3/2005

Elas **renascem** no atual filme de Spielberg, guardando uma aparência arcaica, “steampunk”, vagamente atualizada.

Folha – 17/07/2005

Os pais de Terri Schiavo sofreram duas derrotas judiciais em um só dia ontem na sua tentativa cada vez mais remota de **religar** o tubo que hidratava e alimentava sua filha.

Folha – 24/3/2005

A decisão da corte de apelações federal que impede que o tubo seja **reinserido** em Terri Schiavo é uma violação ao direito à vida.

Folha – 24/3/2005

Descobri que seus trabalhos vêm sendo **reeditados** e antologias lançadas como se fossem eles perdidos.

Arthur Dapieve – O Globo – 25/3/2005

Iconográfico colorido **reconta** os últimos dias de Jesus Cristo

O Globo – 25/3/2005

Com receitas antigas e novas confrarias, jovens **redescobrem** os prazeres de cozinhar.

Folha – 26/5/2005

CPI estuda **reconvocar** Valério.

Folha – 11/7/2005

Se pelo menos os óculos **reaparecessem** em primeiro lugar...mas são implacáveis em seu ardid conspiratório.

Gabeira – Folha – 16/7/2005

Quanto mais **releio** “A Divina Comédia”, mais me convenço de que essa obra é, no Ocidente, além de cânone básico, uma didática heterodoxa para se criar e entender poesia.

Folha - 17/7/2005

O Preseidente Luiz Inácio Lula da Silva pode até ter chances de se razoáveis de ganhar as eleições do ano que vem, caso se **recandidate**, apesar da crise.

Folha – Clóvis Rossi – 15/10/2005

Os cartões poderão ser **recarregados** nas estações de trens e de metrô e nos próprios ônibus.

O Globo – 15/10/2005

Brasileira que se derreteu pelo sorvete, **reaproximou-se** da pizza.

O Globo – 29/10/2005

Ressurge a maldição do segundo mandato.

Folha – 28/10/2005

E isso não havia sido **republicado**, estava no limbo.

O Globo – 10/12/2005

Lixo do réveillon **reinicia** guerra.

O Globo – 2/1/2006

Um ano para **recomeçar**.

O Globo – 2/1/2006

Valorização dos policiais, vigilância com câmeras e projetos sociais são alguns dos principais pontos do plano, que pode ser **reaplicado** em outras partes da cidade.

O Globo – 15/1/2006

Trocou o segundo escalão da Globo pelo primeiro da Record, por um salário cinco vezes maior, e **reinaugurou** com boa audiência a teledramaturgia da emissora.

Folha – 21/1/2006

Aposentados têm até abril para se **recadastrar**.

O Globo – 22/1/2006

Diploma deve ser **revalidado** na volta ao país.

Folha – 3/4/2005

O garoto **reequipou-se** e voltou a trabalhar.

Folha – 5/2/2006

O Pontificado de João Paulo **reforçou** o peso da Igreja no mundo.
O Globo – 3/4/2005

A correta decisão de Lula de suspender a reforma e **reafirmar** a autoridade da Presidência da República perante uma chantagem escandalosa colocou o presidente diante da alternativa de ele próprio assumir a coordenação política do governo.
O Globo – 25/3/2005

John Neschling **relembra** sua primeira leitura de José Saramago.
Folha – 27/3/2005

Sérgio Bianchi mira no preconceito racial e na indústria do assistencialismo para **rebuscar** seu retrato de um país cronicamente inviável.
Folha – 25/12/2006

Quem pode beber, sabendo desfrutar do que a bebida tem de bom e sem permitir que ela lhe seja ruinosa, que beba. Eu não posso e tenho a felicidade de não me **ressentir** disso.
João Ubaldo Ribeiro – O Globo – 3/4/2005

Haruki Murakami, best-seller mundial, renova os questionamentos de seu país sem **renegar** a influência pop.
O Globo – 29/10/2005

(...) Um poder de pressão **redobrado** em cima da União Soviética.
Folha – 28/10/2005

Parece um modo de nos **reassegurarmos** e assegurarmos aos homens que mantemos um papel do passado facilmente identificável.
Folha – 14/11/2005

É algo para **reconfortar** mesmo, para pedir desculpas por sermos tão competentes e competitivas.
Folha – 14/11/2005

Molina por uma bela solução metafórica, mas também **recalca** a noção de verdade.
O Globo – 14/1/2006

Mas foi em abril, quando os primeiros brotos surgiram nos galhos **ressequidos** pelo frio, que voltei a sorrir.
Ferreira Gullar – Folha – 22/1/2006

Nós **ressoamos** o ambiente político. Se há violência, cobrimos os fatos. Se está calmo, podemos levar ao ar programas de entretenimento e música.
O Globo – 29/3/2005

Temos **recolhido** cerca de 40 toneladas de algas por mês.
O Globo – 25/3/2005

(...) Afirmando, enquanto **remexe** o lixo nas ruas do Rio, que “Lula, sozinho, não pode fazer nada”.

Folha – 28/10/2005

Fui **revirar** alguns livros e descobri menções, curtas e até blasées, a Chris Bailey, Edmund Kuepper, Ivor Hay e Kym Bradshaw.

Arthur Dapieve – O Globo – 25/3/2005

Deputados **rebatem** pizza com acordão.

O Globo – 31/8/2005

População **reage** a Severino.

O Globo – 25/3/2005

Eles exigem que a demissão de 12 dos 1.306 empregados ocorrida na última quarta-feira, seja **revertida**.

Folha- 19/3/2005

II- Formas nominais

A mudança livrará cerca de 97% dos agricultores do recolhimento de IR na fonte.

O Globo – 24/3/2005

Só para recordar, a lógica da redistribuição é essa.

Folha – 4/12/2005

Um **recorte** delicado e de equilíbrio raro de um conflito complexo e quase sempre fadado ao tratamento panfletário.

Folha – 2/2/2006

O governo não deve temer a palavra **reestatização**.

Elio Gaspari – Folha 9/2/2005

O que não fica claro é que respostas dará para curar sua indignação, a não ser a mexida no PT, que parece apontar para uma “**repetização**” do partido enquanto se “despetiza” o governo.

Clovis Rossi – Folha – 14/7/2005

A estréia de hoje é uma **remontagem** comandada pelo diretor paulista Luiz Valcazaras de um texto dos anos 60.

O Globo – 19/3/2005

Por aqui, Ceylão **reestréia** “Desesperados” na Gávea.

O Globo – 29/10/2005

Os advogados dos pais de Terri enviaram um comunicado ao hospital para informar a decisão do Congresso e pedir a **religação** dos aparelhos.

Folha – 21/3/2005

Partidários da **reinserção** do tubo de alimentação em Terri rezam diante do hospital em que ela está internada na Flórida.

Folha – 24/3/2005

Em três outros automóveis, foi chegando o **reforço** para aquilo que o principal orador, Anderson de Souza, qualificou como ‘protesto contra a presença em Manaus do império guerreiro.’

Folha – 24/3/2005

Não posso imaginar o que vai acontecer com esse armamento – disse Rumsfeld, questionando como o **reaparelhamento** das forças armadas venezuelanas irá influenciar a estabilidade do continente.

O Globo – 24/3/2005

A obra de **reconstrução** da ponte deve começar semana que vem.

O Globo – 25/3/2005

O **reajuste** de 11,87 % foi autorizado pela Agência Reguladora de Serviços Públicos Concedidos do Estado.

O Globo – 25/3/2005

Uma das prioridades do governo Lula tem sido a **revitalização** do setor naval brasileiro.

O Globo – 29/3/2005

Pelo humor com que retrata a geração portuguesa que chegou à vida adulta durante a **redemocratização** do país.

Folha – 2/4/2005

(...) Além de dois médicos especialistas em **reanimação**.

Folha – 2/4/2005

O rabino-chefe Michael Schuderich elogiou o Papa por promover a **reconciliação** entre judeus e católicos poloneses.

Folha – 2/4/2005

Quispe e os seus são ativos militantes em busca da “**refundação**” da Nação Inca Qollasuyu.

Folha – 27/4/2005

Salvo na **reincidência** em pregar a tolice de “**reeducação**” do sistema financeiro.

Clóvis Rossi - Folha – 30/4/2005

Reclassificação do tipo ocorreu no século 19.

Folha – 22/9/2005

(...) Bem como um projeto de **reposição** de vegetação.

Folha – 15/10/2005

... E o faz juntar-se aos grandes revolucionários da história do comunismo numa surpreendente tertúlia espírita sobre o **reencantamento** do mundo.

Folha – 15/10/2005

Imaginar **reaglomerações**, conurbações, renovações urbanas capazes de contrapor-se ao peso dos fluxos globalizados – esse é o tema da luta pelos lugares.

Folha – 30/10/2005

Mentor diz que símbolo da Febem foi abandonado em **ressocialização**.

Folha – 15/11/2005

Isso mostra o quanto uma política consistente e ambiciosa de **revalorização** do salário mínimo pode se tornar uma alavanca na regulação da pobreza e da desigualdade no país.

Folha – 4/12/2005

Associação de **reeducação** motora sob risco de fechar.
O Globo – 10/12/2005

A cirurgia se assemelha a uma **reconexão** simbólica com o mundo.
Folha – 11/12/2005

Política do Chile sofre **redesenho** com eleições.
O Globo – 11/12/2005

O anti-semitismo contemporâneo é uma derivação e uma radical **reinterpretação** do anti-semitismo religioso.
Folha – 15/12/2005

Recombinação assistida.
Folha – 15/1/2006

Relançamento da versão de Casa-Grande e Senzala em quadrinhos evita trechos perturbadores do clássico de Gilberto Freyre.
Folha – 15/1/2006

Discos do grupo paulistano ganham **reedição** em CD.
Folha – 2/2/2006

O caso da eventual **reentrada** na política do presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim, é exemplar para demonstrar o atraso institucional no Brasil.
Folha – 4/2/2006

Apêndice B

Acepção 1

[re-[X]v]v : realizar o ato X de modo diferente ou com resultado diferente

1. **readaptar**
2. **reajustar**
3. **reavaliar**
4. **rebatizar**
5. **reclassificar**
6. **recombinar**
7. **reconfigurar**
8. **reconsiderar**
9. **recriar**
10. **redefinir**
11. **redesenhar**
12. **redescobrir**
13. **redigramar**
14. **reeducar**
15. **reequilibrar**
16. **reescrever**
17. **reescalonar**
18. **reestruturar**
19. **reformar**
20. **reformular**
21. **refundar**
22. **reinterpretar**
23. **reinventar**
24. **remanejar**
25. **remarcar**
26. **remodelar**
27. **renegociar**
28. **reorientar**
29. **repensar**
30. **reprocessar**
31. **reorganizar**
32. **revalorizar**
33. **retrabalhar**
34. **retraduzir**
35. **reurbanizar**
36. **rever**

Acepção 2

[re-[X]]v: realizar ato X que corresponde a volta um estado anterior

1. readmitir
2. reaglomerar
3. reanimar
4. reaparelhar
5. reapimentar
6. reapropriar
7. reaquecer
8. reassumir
9. reatar
10. reativar
11. reaver
12. recolocar
13. reconciliar
14. reconduzir
15. reconquistar
16. recontratar
17. redemocratizar
18. reempossar
19. reestatizar
20. reincorporar
21. reintegrar
22. reintroduzir
23. repetizar
24. requalificar
25. ressocializar
26. restabelecer
27. reunificar
28. revigorar
29. revitalizar

Acepção 3

[re-[X]v]v: repetir o ato X

1. reabrir
2. reacender
3. reaparecer
4. reaplicar
5. reaproximar-se
6. recadastrar
7. recandidatar
8. recarregar
9. recommear
10. recompor
11. reconectar
12. recontar
13. reconstruir
14. reconvocar
15. reeditar
16. reeleger
17. reencantar
18. reequipar
19. reestrear
20. reentrar
21. reestrear
22. reinaugurar
23. reiniciar
24. reinstalar
25. relançar
26. reler
27. religar
28. remontar
29. renascer
30. repor
31. republicar
32. ressurgir
33. revalidar
34. rever

Acepção 4

re-[X]v)v: realizar ato/processo X com reforço ou intensificação

1. **reafirmar**
2. **reassegurar**
3. **rebuscar**
4. **reconfortar**
5. **redobrar**
6. **reforçar**
7. **relembrar**
8. **renegar**
9. **ressecar**
10. **ressentir**
11. **recalcar**

Acepção 5

[re-[X]v)v: realizar ato X causando movimento contínuo ou iterativo

1. **rebrilhar**
2. **recolher**
3. **recortar**
4. **redourar**
5. **remexer**
6. **reluzir**
7. **ressoar**
8. **revirar**

Acepção 6

[re-[X]v)v: realizar ato/processo X causando movimento reversivo ou contrário

1. **reagir**
2. **rebater**
3. **reverter**

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)